UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ANDREA CRISTINA MORGANTI

# COMPREENSÃO DE SENTIDO EM PSICOTERAPIA
# O ACONTECIMENTO NO ENCONTRO

São Paulo
2016

MORGANTI
ANDREA C.

**COMPREENSÃO DE SENTIDO EM PSICOTERAPIA.**
**O ACONTECIMENTO NO ENCONTRO**

MESTRADO
IPUSP
2016

ANDREA CRISTINA MORGANTI

# COMPREENSÃO DE SENTIDO EM PSICOTERAPIA
# O ACONTECIMENTO NO ENCONTRO

**(Versão Revisada)**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

São Paulo
2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Morganti, Andrea Cristina.
Compreensão de sentido em psicoterapia. O acontecimento no encontro / Andrea Cristina Morganti; orientador Andrés Eduardo Aguirre Antúnez. -- São Paulo, 2016.
94 f.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicoterapia 2. Relação terapêutica 3. Compreensão 4. Linguagem 5. Heidegger, Martin, 1889-1976 I. Título.

RC480

**Nome:** MORGANTI, Andrea Cristina.
**Título:** Compreensão de sentido em psicoterapia: O acontecimento no encontro.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Psicologia Clínica.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Orientador

Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato

Examinadora IPUSP

Prof. Dr. Marcos Oreste Colpo

Examinador Externo

*Aos meus avós*
*Luzia e Cristóforo,*
*Conceição e Aldo:*
*Com muita gratidão à vida por tê-los presentificando meus ancestrais.*
*Meus inícios e fins existentes*

**AGRADECIMENTOS**

À vida, por me privilegiar com grandiosos encontros.

Aos meus pais Sandra e Humberto, meus amparos incondicionais que, mesmo sem entender muito bem as minhas escolhas (e ausências), sempre respeitaram minhas decisões com amor. Pelo esforço carinhoso em se aproximarem do meu mundo. Graças ao suporte que me ofereceram durante todos esses anos eu pude desfrutar da liberdade de escolher meus caminhos próprios e realizar esta pesquisa;

À minha irmã que, mesmo longe e por vezes distante, me oferece cuidado ao seu modo;

Às Piras Natália Vidal e Valéria Lisondo. Sem dúvida, vocês foram as presenças mais perto e iluminadoras deste trabalho (que também é de vocês). Sem vocês, ele não teria acontecido. Por caminharem sempre comigo, por me resgatarem tantas e incansáveis vezes do abismo da solidão da pesquisa. 'Não tenho palavras' para expressar minha gratidão! Vocês são f..a! Agradeço, sobretudo, poder compartilhar a vida, a poesia, a boemia, com vocês, amigas de todas as horas e pra toda a vida.

À querida amiga Tania Gamburgo que está sempre presente iluminando minha vida, com 'coerência', alegria e sabedoria humorada. Por sempre me incentivar mostrando o quanto acredita em mim;

À Profa. Henriette, por generosamente me receber de braços abertos. Pelas fundamentais contribuições para este trabalho poder se realizar. Outro encontro adorável e fértil, como bússola para eu encontrar um sentido no meio da minha perdida desorientação;

Ao Rafael Raicher, amigo-irmão presente em todas as horas e pra todas as horas;

Aos Homies Ana Paula Tanaka, Felipe Moreira e Natália Gitti: amigos da vida inteira.

Ao amigo querido João Amilcar, pela delícia do nosso encontro de tantos encontros;

À Zoca Freire, por todo cuidado e compreensão acontecidos no encontro. Por me inspirar e me acompanhar nas minhas buscas por sentido; por me ajudar a ser uma pessoas mais serena comigo mesma.

À Sandra Taiar, quem muito me ensinou e sustentou cuidando, no silêncio e no corpo, momentos tenebrosos.

A todo grupo LEFE que também me recebeu com abertura e contribuiu para a pesquisa. Em especial Vitor Sampaio, Pedro Milanesi e Paulo Evangelista;

Ao prof. Gilberto Safra que, com toda sua sabedoria, me enriquece sempre com suas contribuições;

À querida Lilian Gamburgo quem primeiro me ajudou para me lançar neste projeto;

Ao Nichan Dichtchekenian, Roberto Novaes Sá, Rafael Tinti, Danielle Freitas, Marcos Colpo e a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a minha formação e para esta pesquisa;

À Siddha Vidya (Theiz) pela amizade cuidadosa de sempre. Por me ensinar tanto sobre a vida e o mistério do existir;

À Preta e à Matilda por sempre me acompanharem nos meus caminhos sem hesitar; por me levarem e me fazerem companhia em todos os lugares. Por me ajudarem a resgatar um conhecimento íntimo com o meu corpo, e a descobrir tantas coisas sobre mim. Por afinarem o meu humor. Por tornarem minha vida mais feliz.

À capoeira e ao professor Womualy;

Aos meus clientes;

À Simone Cyrineu que chegou por último para desvelar comigo, amorosamente, os desafios do encontro;

Ao Andrés Eduardo Aguirre Antúnez que acreditou no meu trabalho e me ofereceu a oportunidade de poder experienciar toda a riqueza vivida no processo do mestrado;

À CAPES que ajudou a financiar essa pesquisa;

A todos os músicos, poetas e artistas. Porque a vida, só, não basta.

**E**la não sabia exatamente ao que estava se referindo, e ele entendeu sem saber exatamente ao que ela se referia. Mas se assim não fosse, pobre seria o mútuo entendimento, nossa compreensão que é feita através das palavras sem sentido, e é tão difícil explicar por que alguém se alegrou e por que outro se desesperou - é que não levamos em conta o milagre das palavras perdidas; e é por isso que sempre valeu tanto viver pois muitas foram as palavras ditas que mal ouvimos mas elas foram ditas.

**Clarice Lispector**

# RESUMO

MORGANTI, Andrea Cristina. **Compreensão de sentido em psicoterapia: O acontecimento no encontro**. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

A compreensão do cliente, considerando o cenário da psicoterapia, se dá não somente pelo que é enunciado em linguagem verbal, mas sim, por sua presença como um todo. Há uma atitude de cuidado que se dá especificamente na relação cliente-terapeuta que favorece essa compreensão. Defende-se que a compreensão sempre parte de uma compreensão prévia para interpretar o que se mostra articuladamente no discurso do cliente. Por isso, a teoria ou referencial clínico do terapeuta; a sua visão de homem e de mundo; e sua experiência são decisivos para tal compreensão. O objetivo é refletir e entender como se dá a compreensão do sentido do cliente por parte do terapeuta, admitindo que o terapeuta sempre parte de uma compreensão prévia. O desenvolvimento deste trabalho ocorreu com relatos de situações clínicas da pesquisadora, alinhavando o conhecimento aprendido pela experiência e, buscando em autores e principalmente em Heidegger, contribuições para ampliar a reflexão acerca do que se dá no acontecimento do encontro cliente-terapeuta. É trazido o conceito de *téchne* em oposição à técnica para apresentar o procedimento da psicoterapia. Noções básicas da fenomenologia existencial são apresentadas para situar o leitor de onde partem os pensamentos da autora e sua visão de homem e mundo. A apresentação dos existenciais de Heidegger disposição (*Befindlichkeit*), compreensão (*Verstehen*) e linguagem (*Rede*) fazem-se pertinente como abertura de mundo que oferecem a experiência na relação, fazendo assim, oposição à ideia de que o acesso ao conhecimento ao outro, e ao mundo, se dá via teórica. Dessa forma a linguagem verbal e não verbal como o corpo, o gesto, o tom de voz e tudo o que se apresenta são elementos fundamentais.



**Palavras-Chave:** Psicoterapia. Relação terapêutica. Compreensão. Linguagem. Heidegger.

## ABSTRACT

MORGANTI, Andrea Cristina. **Understanding the sense in psychotherapy. The meeting as an event.**

The comprehension about the client, considering the psychotherapy's scenario, is given not only by what is stated in verbal language but by his whole presence. There is a caring attitude that is given specifically in the client-therapist relationship that promotes such comprehension. It is argued that comprehension always came from a previous understanding to interpret what is present, articulately, on client's speech. For this reason, the theory or clinical therapist reference, their vision of men and world and their experience are crucial to this understanding. The purpose is to meditate and understand how occurs the comprehension of the client's meaning by the therapist, admitting that the therapist always comes from a previous comprehension. The development of this research took place with reports of clinical experiences lived by the researcher, adding knowledge learned by the experience and seeking to authors and particularly in Heidegger, contributions to increase the reflection about what happens in the event of the client-therapist encounter. I introduce the concept of téchne as opposed to the technique to present the psychotherapy procedure. Basic concepts of existential phenomenology are presented in order to situate the reader about from where my thoughts and ideas about men and world came from. The presentation of existential concepts as disposition (Befindlichkeit), comprehension (Verstehen) and language (Rede) are relevant as world's opening and offer the experience inside the relationship, thus, opposed to the idea that the access to the knowledge about the other and about the world is given theoretically. Therefore, the verbal and non-verbal language and body gesture, tone of voice and everything that is presented are crucial elements.



**Keywords:** Psychotherapy. Therapeutic relationship. Comprehension. Lenguage. Heidegger.

**SUMÁRIO**

Apresentação ……. 10

Introdução …… 11

Método …….. 19

Objetivos …….. 20

I. ENCONTRO COM A FENOMENOLOGIA …… 23

I.I. Quem é a pessoa que chega à psicoterapia? …….. 27

II. O ACONTECER DA PSICOTERAPIA ……. 32

II.I. Técnica x *téchne* …….. 32

III. ENCONTRO COMO ACONTECIMENTO DA PSICOTERAPIA …….. 41

Descrição compreensiva de casos clínicos:

*Monique* ……. 42

*Sra. Lindy* …….. 60

*Bruna*……. 64

Disposição (*Befindlichkeit*) - Tonalidades afetivas …….. 66

Compreender e Interpretar …….. 74

Fala (ou Discurso), Linguagem e Palavra …… 83

IV. MEDITAÇÕES FINAIS ……. 88

Referências Bibliográficas …… 91

**Apresentação**

Este trabalho nasce de inquietações experienciadas no meu processo terapêutico como cliente, no período em que eu ainda estava na graduação de psicologia, e das observações que fazia nesses processos. Mais tarde, essas inquietações se mostraram na intersecção de aspectos profissionais enquanto psicoterapeuta.

Nesse caminhar da minha trajetória fui sendo convocada por preocupações pessoais e profissionais interligadas: como me fazer compreender pela minha psicóloga? Como compreender o meu cliente?

Ao mesmo tempo em que ocupava o lugar de quem estava sendo atendida também observava com crítica minuciosa as ações e intervenções das minhas psicólogas. Neste período, ao mesmo tempo, as discussões que ressaltavam a não cisão mente-corpo permeavam o ambiente acadêmico e essa era uma questão preciosa para mim. Tinha dificuldade em entender como se realizava na prática: não via como o corpo era considerado na clínica, já que a psicoterapia acontecia através da conversa, ou seja, pelas palavras, no exercício mental-reflexivo. No momento em que fazia esse juízo acabava por distinguir entre mente e corpo, incorrendo na minha própria crítica. Hoje compreendo que, na verdade, repousava aí a minha crise: achar que a psicoterapia acontecia apenas “através das palavras” - então, neste trabalho, pude rever esse posicionamento.

Passei a observar onde isso me tocava enquanto pessoa, não como aquela que estuda, mas aquela que experiencia o processo. Entendi que essas questões continuavam interligadas porque o desconforto aparecia com maior entonação na minha psicoterapia: não "achava palavras" para acessar aquilo mesmo que eu sentia e que clamava por compartilhar, para ser compreendido e cuidado. Naquele momento, então, ficava confusa: como pode ser “não achar palavras”? A elas devo o mérito de me fazer compreender? E todo o resto que compreende uma comunicação não verbal? Era como se buscasse a essência da compreensão.

A confusão permanecia ao perceber em mim um íntimo que eu só podia sentir no corpo, e me era tão importante mas permanecia calado na solidão obscura e caótica de mim mesma, sem que nem eu pudesse entender muito bem aqueles processos. Com frequência saía da sessão e me lançava ao exercício de tentar escrever tudo aquilo que não tinha conseguido

falar. Curiosamente recorrendo novamente a “elas”, às palavras. Às vezes conseguia, principalmente no modo da poesia, mas às vezes nem chegava perto. Então eu ia ouvir uma boa música. Nos momentos de maior angústia escolhia as instrumentais e orquestradas, pois essas eram capazes de acessar e tocar de alguma forma esse íntimo.

As palavras se revelavam a mim em sua virtude e fracasso. A palavra é potência ou limitação? Ela me traduz, ou me trai? Ela é a mostração de mundo ou impossibilidade? Era como se fosse definindo, na sua indefinição, um lugar de outras linguagens. Pois então, pensava, como levar isso para o meu processo terapêutico se este acontecer se dá fundamentalmente a partir da conversa falada? Do que se tratava a psicoterapia se eu não conseguia mostrar o que de mais próprio e íntimo existia em mim? Como compreender meu cliente? Queria eu transformar a psicoterapia em um lugar onipotente capaz de dar todas as respostas, continência para toda a angústia do existir? A serviço de que estava, então? A psicoterapia deveria ser um lugar para compreensão e isso só poderia acontecer pelas palavras? Compreensão de quem? Do cliente por parte do terapeuta? Do cliente por ele mesmo?

## Introdução

Entendo que o exercício do ofício como psicoterapeuta é um incessante meditar que se atualiza a cada nova situação. Atender no consultório, encontrar pessoas diversas, é um constante repensar o trabalho que sempre me enriquece de alguma forma. Nunca paro de aprender.

Acredito que ser psicóloga não é fácil. Torna-se ainda mais complicado quando exploramos essa atuação no campo da saúde pública e acompanhamento de pessoas gravemente adoecidas, situações nas quais já estive imersa na prática.

Estudei psicologia na PUC-SP e direcionei meus dois últimos anos de estudo na graduação aos núcleos de fenomenologia, com entonação no pensamento de Heidegger. Em seguida da graduação fiz especialização em *Psicologia da Saúde* na Unifesp por dois anos. Encerrada essa especialização, continuei trabalhando no CAPS-Unifesp por mais um ano e

meio enquanto fazia outra especialização, na mesma instituição, em atendimento psicoterapêutico a pessoas diagnosticadas como *Borderline,* que durou mais um ano e meio, com direção teórica em psicanálise.

Foi a esse período na Unifesp que atribuo o momento de maior aprendizado prático sobre a psicologia clínica em diversas situações e frentes, atendendo individualmente e em equipe multidisciplinar, extrapolando a psicoterapia em consultório, embora, não deixasse de também investir nessa área. Nesta instituição havia uma forte direção clínica para o esclarecimento diagnóstico e, pude perceber quão importante era para a equipe responsável "diferenciar aspectos médicos dos psicológicos".

Como profissional que fazia parte de uma equipe, para dialogar e ser compreendida na comunicação sobre minha interpretação em relação ao paciente, era necessário falar uma língua conhecida e familiar: a psicanálise. Nesse sentido, a construção psicodinâmica contribuía para o raciocínio clínico na direção de um esclarecimento diagnóstico em conformidade com a investigação psiquiátrica. Sem mencionar o valor atribuído à teoria em uma escola médica. Na maior parte das vezes, a psicologia era vista como um saber secundário e acessório ao saber médico[1], e, psicologia, ali, era quase sinônimo de psicanálise.

Institucionalmente, se a psicanálise enfrentava esse desafio sendo uma teoria situada com certa permeabilidade e *status* social, pode-se imaginar a resistência em falar em fenomenologia. Em muitos momentos, tinha a sensação de que minha fala inspirada no pensamento fenomenológico era interpretada como sendo rasa ou insuficiente. Parecia que o que eu tinha para falar lhes dizia pouco. Eu ficava inconformada pois, para mim, aquelas eram as principais questões a serem escutadas e cuidadas.

Passei a estudar psicanálise freudiana e ter supervisão com psicanalistas interessantes que traziam uma leitura realmente enriquecedora para o atendimento. Essas contribuições para o raciocínio clínico me ensinaram a respeitar a psicanálise e a me beneficiar com algumas de suas ferramentas para pensar o que acontecia com aquelas pessoas que eu atendia, e que sofriam. Principalmente no que tangia ao manejo do atendimento e lida com os

---

[1] Como também observa Figueiredo (2015, p. 97) sobre algumas compreensões médicas, principalmente no ambiente hospitalar, ao encaminhar certos pacientes ao atendimento psicológico: “para doenças imaginárias, uma medicina de mentirinha”.

pacientes. Se algum elemento da minha escuta me chamasse a atenção trazendo referência à estrutura descrita pela psicanálise, eu o mantinha como *suspeita*[2] aberta, não como verdade[3].

Lembro que em uma conversa informal sobre a escuta clínica em psicoterapia - já com fagulhas das inquietações para a investigação desta pesquisa - perguntei à minha supervisora alguma coisa próxima a: "*Durante uma sessão de psicoterapia há atendimentos em que o cliente pula de um assunto a outro e, nesses relatos, é possível capturar o tema, o eixo que articula todos os assuntos por onde ele passou. Mas há sessões em que esse nexo combinatório não é discriminado. Nesses casos, há muitas coisas importantes no relato do cliente que nos saltam aos ouvidos e que poderiam ser escolhidas a entrar por parte do analista. O que baliza a minha escuta para adentrar um caminho x ou y? Como escutar aquilo que pede para ser desvelado?* " Ela me respondeu: "*A partir daquilo que está no pré-consciente*". Escutei, parei e meditei. Eu não entendi a resposta mas entendi psicanaliticamente. Aquilo não me dizia nada. Ela me deu uma resposta a partir de uma construção teórica que, dentro dessa teoria, se justificava muito bem, mas excluía em absoluto a presença de um psicoterapeuta. Seria isso um exemplo de psicologismo? Seria um modo de construir o conhecimento de uma *práxis*, muito mais ilustrativo do que de fato definitivo? Ou a sobreposição da teoria frente à experiência? Dizia ela que a teoria era o que me ajudava a compreender o sentido da fala do cliente? Se fosse, eu não concordava.

A psicanálise chegava a mim e me escorregava cíclica e concomitantemente. Apreciava a articulação que fazia, mas ao mesmo tempo criticava a impossibilidade de enxergar os aspectos mais próprios e autênticos dessas pessoas, o lado singular de cada um, as questões caras do existir onde a teoria não alcançava (nem jamais alcançará). Também criticava a dificuldade que eu percebia existir em desconstruírem a teoria em situações em que ela (e os psicanalistas) mais encobriam o fenômeno do que o desencobriam. Dessa impenetrabilidade eu sempre discordei, como discordei de muitas interpretações feitas sobre os pacientes.

---

[2] Suspeita do latim *suspectus*, particípio do verbo *suspicere*, formado por *sub* (por baixo) e *specio* (olhar). O prefixo sub indica exame de coisas encobertas. Ou seja, exame de coisas que ainda não foram desencobertas. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=P3JxBAAAQBAJ&pg=PT1010&lpg=PT1010&dq=suspeitar+–+vem+do+Latim+suspicere&source=bl&ots=uZ-IkNAvZc&sig=A4qllBRYRhiD-Ip9zv08CPaN8Uc&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjhva6Km63KAhVEkJAKHVhKCOYQ6AEIMDAD#v=onepage&q=suspeitar%20–%20vem%20do%20Latim%20suspicere&f=false>. Acesso em 22 nov. 2015.

[3] Verdade como desvelamento, não no sentido de uma adequação entre o juízo e a coisa a que se refere.

No livro *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*, Luís Cláudio Figueiredo fala do *ecletismo* e do *dogmatismo* como reações contra a angústia frente à ausência de uma compreensão da psicologia como território de dispersão[4] (ou seja, o território da psicologia não é uma unidade exclusiva, mas também não são células absolutamente dispersas). Segundo o autor, no dogmatismo, o psicólogo encerra-se nas suas teorias e crenças fechando-se para tudo que possa confrontá-las. O que me parece como principal na ideia do autor é o que ambas têm em comum: a perda do acesso à experiência, no sentido de poder entrar em contato com a alteridade.

> No caso do dogmatismo a minha afirmação deve parecer óbvia: quem se agarra aos sistemas como tábua de salvação não só não pode ouvir as interpelações que viriam de outras vozes teóricas (que ficam de antemão desqualificadas), mas também não se permite ouvir o que a sua prática tem a dizer, salvo medida em que se encaixe no esquema do que o psicólogo pensa que sabe. (FIGUEIREDO, 2015, p. 18)

Acontecia em mim uma comoção dupla e ambígua: a psicanálise me ajudava a abrir a escuta, a me dar pistas do que ainda não havia se desvelado e a me guiar alguns passos sem precisar ser levada pela "intuição". De alguma maneira a técnica de "mapear" a estrutura psíquica nos conformes da psicanálise me auxiliava em como lidar com o paciente e a gravidade de suas situações no mundo a partir de seus sintomas (no sentido de estar restrito de suas possibilidades no mundo, de sua liberdade), como no caso de uma pessoa diagnostica como borderline ou esquizofrênica. Fui observando que, de forma geral, a relação com pessoas de diferentes diagnósticos era categorialmente diferente. Claro que as relações serão sempre distintas e se desenvolvem de maneira exclusiva, mas digo de uma categoria generalizada onde se podia encontrar pontos de muita proximidade, e outros tantos distantes. Era como se cada pessoa com o diagnóstico tal me exigisse uma posição que podia favorecer ou atrapalhar o processo terapêutico, e por isso, o desenvolvimento daquelas pessoas, cada uma na sua singularidade. Nesse sentido, pensar a clínica borderline, por exemplo, e ter à mão conceitos de Winnicott como o *holding*, me oferecia um suporte mais diretivo e também compreensivo. Discriminar as diferenças e peculiaridades de neurose e psicose não significava a admissão de um cenário rígido, significava antes ter referências de uma

---

[4] Conceito de Luiz Alfredo Garcia-Roza.

mundaneidade que me abriam à compreensão, como se me oferecessem um repertório a ampliar minha escuta. Da mesma forma como se distingue, com certa referência, a mundaneidade de um adulto ao de uma criança, e, portanto, o atendimento e cuidado coerente a cada um.

Compreendo que a minha experiência com a psicanálise me deixou marcas que afetam minha escuta na prática clínica, como se suas contribuições estivessem aí, em mim, sem que eu me desse conta disso. Quando medito sobre elas, posso fazê-lo de maneira crítica e livre, sem estar escravizada, sem estar fechada às suas contribuições de forma dogmática. Mais do que fazer um juízo fundamentado acerca da obra científica, nas questões que concernem à prática clínica cabe observar o que cada profissional faz da teoria.

Nesse sentido, concordo com Figueiredo (2015, p. 120) ao dizer que:

> Compreender uma teoria é incorporá-la, é silencia-la, é poder dela dispor sem fazer dela o alvo de um conhecimento focal, é ter dela uma consciência não temática, como condição de interpretar as coisas do mundo, configurá-las, focalizá-las para agir sobre elas[5].

Como aceitar as contribuições metafísicas da psicanálise admitindo os existenciais de Heidegger e toda sua crítica ao modo de se fazer ciência (dar a conhecer) pela metafísica?

Ao seguir nessa investigação pude descobrir que a minha inclinação se daria por questões éticas, e não epistemológicas, afinal, toda teoria bem estabelecida se articula em uma compreensão ontológica.

No curso da atual pesquisa, pude compreender que, para mim, ter as teorias como dispositivos representacionais rompia a película do dogmatismo e passavam longe da objetividade da metafísica. Ao contrário, tais dispositivos representacionais contribuem sensivelmente em duas funções relevantes a saber: 1. "sugerem formas de organização da experiência, isto é, *são princípios para e fornecem critérios de focalização, ajudando os processos de configuração dos fenômenos clínicos*" (FIGUEIREDO, 2015, p. 124, grifo do autor); 2. "teriam a função crítica de *desalojar os conhecimentos tácitos impregnados nas práticas mecanizadas, reintroduzindo nelas o espaço do encontro com o inesperado, o espaço da pesquisa, o espaço do pensamento*" (FIGUEIREDO, 1999, loc. cit., grifo do autor).

---

[5] Destaque do autor.

Em ambas as funções não está em jogo a veracidade das teorias, por isso, ao contrário do que poderia pensar, a teoria não estaria como um modo de encurtamento compreensivo, mas sim a possibilidade de uma escuta ampliada. Ter uma concepção prévia sobre um fenômeno amplia o meu repertório e me oferece a chance de uma compreensão alargada.

O que defende o autor é que as teorias estariam colaborando à tarefa de dar inteligibilidade à experiência, mas não se trata de esperar delas uma orientação segura para a prática e de avaliá-las pela sua funcionalidade instrumental. Na verdade, o que propõe Figueiredo (2015, p. 125) é que "*a segunda função da teoria seja a de abrir no curso da ação o tempo da indecisão, o do adiamento da ação, tempo em que podem emergir novas possibilidades de escutar e falar*".

A questão que se ilumina é a admissão de um conhecimento tácito que está sempre aí, fruto das experiências da vida, e que fertiliza o curso da nossa ação clínica, e que jamais estará contemplada na representação de uma teoria como conhecimento explícito. Por outro lado, dar a ver o que uma teoria oferece, quando esta se desloca silenciosamente para um fundo de atenção desfocada, pode retirar-nos de uma ação simplesmente intuitiva, ou confiada "cegamente no conhecimento pessoal que, pela sua própria natureza, é muito vulnerável à rotinização e à repetitividade"[6].

Sustentar a tensão entre conhecimento tácito e conhecimento explícito, de acordo com o pensamento de Figueiredo, revelou-se a mim o modo mais consistente e sincero de clinicar e de estar aberta para a escuta e compreensão dos meus clientes. Não se trata de forçar um encaixe da prática na teoria, nem vice-versa, mas antes, provocar a prática com a teoria e me inquietar com as teorias a partir da minha prática. E, nesse caso, não falo só de teorias psicanalíticas mas incluo deixar, principalmente, as meditações ontológicas de Heidegger irromperem os problemas ônticos da prática psicoterapêutica. É poder escutar e dar voz ao que eclode da minha experiência, legitimando-a como conhecimento para minha prática, e ao mesmo tempo, manter-me atenta para que este conhecimento não se configure um fazer descuidado e banalizado.

Face a essa intenção e disposição, uma pesquisa de investigação clínica, como o é o campo da psicoterapia, articula-se inevitavelmente no pendular entre saber tácito e explícito, de modo a poder oscilar livremente entre uma e outra, sem que ambas estejam amalgamadas.

---

[6] Ibid., p. 124

O pêndulo é um deslocamento entre um ponto e outro, abrindo um curso em movimento, um acontecimento dinâmico entre uma margem e outra, sem jamais se fixar, sem paralisar.

Está claro que optei por abordar a situação da psicoterapia para esta pesquisa. Existem várias modalidades de atendimento como sendo individual, em grupo, de casal, familiar. Não trago nenhuma problematização específica à peculiaridade de atendimento de cada uma delas, e, portanto, o texto transcorrerá em referência ao acontecimento da psicoterapia como o encontro entre cliente e terapeuta. Este será o cenário consultado nesta pesquisa embora acredito que o que se investiga está contemplado em todas as esferas do encontro entre humanos.

Para adentrar o modo de acontecimento da psicoterapia será trazido o sentido originário de *téchne* como um procedimento distinto da técnica, que se faz imperativa no nosso tempo. A *téchne* corresponde a um modo tal desarraigado de diretrizes que atendam a uma expectativa de conquistar algum resultado, como técnicas de intervenção com um objetivo específico. O fato de não obedecer a um conjunto de técnicas propositivas sobre a *ação* do psicoterapeuta, somado a nenhuma filiação estrita a alguma escola da psicologia não significa a inexistência de um enquadre que delimite e organize a *situação* clínica do *setting* psicoterapêutico. Há o perigo de se pensar a clínica “transeunte" como um grande *laissez faire.* Pois não é. Há um *sentido* claro para o qual esta clínica aponta, e nesse caso, aponta na justa medida da compreensão do sentido do cliente.

Na direção de pensar minha prática não ancorada em uma teoria, será necessário apresentar as noções sobre homem e mundo que balizam a minha compreensão, e por isso, minha escuta clínica, e o modo como acontece meu encontro com o cliente.

Encontro amparo para meus pensamentos acerca do existir humano nos existenciais de Heidegger. Se, conforme o autor, o acesso ao conhecimento globalizante do mundo não se dá via teórica, então, traremos suas contribuições para sustentar como se dá esse outro caminho para o conhecimento. Assim, serão alinhavadas as ideias do filósofo às compreensões dos trechos de atendimento clínico para ampliar a reflexão sobre o acontecimento da compreensão no encontro cliente-terapeuta.

As principais noções da obra do filósofo para este trabalho são os três existenciais fundamentais de ser-aberto no mundo: disposição[7] (*Befindlichkeit)*, compreensão[8] (*Verstehen*) e discurso (*Rede*). Para Heidegger, o ser humano, ou o ser-no-mundo, já é sempre abertura para as coisas, para os outros, e também a si mesmo. "Significa literalmente ser um espaço, um lugar, um *aí* em que coisas e outros podem aparecer. A imagem usada (…) é de uma clareira, como em matas fechadas; em meio ao escuro, há uma abertura clara onde é possível enxergar." (EVANGELISTA, 2015, p. 71)

Se a mestiçagem pode me oferecer um lugar interessante e privilegiado no momento em que me concede instabilidade em equilíbrio, ela deve ser diferenciada da posição eclética. A posição mestiça permite o lançar-se vetorialmente a favor da aprendizagem pela abertura ao outro, ou seja, um campo aberto de oscilação entre margens que não se encerram, mas antes, permitem um navegar em águas desconhecidas guiado pela *sensibilidade*, "palavra que significa a possibilidade ou capacidade em todos os sentidos. Sensível, por exemplo, a balança oscila para cima e para baixo ao mesmo tempo, vibrando, bem no meio, nos dois sentidos" (SERRES, 1993, p. 16).

> De forma que o conhecimento, seja pensamento ou invenção, não cessa de passar de um lugar mestiço a outro, se expondo sempre portanto, e aquele que conhece, pensa ou inventa logo se torna um passante mestiço. Nem posto nem oposto, incessantemente exposto. Pouco em equilíbrio, e também raramente em desequilíbrio, sempre desviado do lugar, errante, sem moradia fixa. Caracteriza-o o não-lugar, sim, o alargamento, portanto a liberdade ou, melhor ainda, o desaprumo, esta condição constrangedora e soberana da condução à verdade.[9]

Por vezes *constrangedora* e *se expondo* é como o acontecimento pode se dar. Tentarei fazê-lo sem tanto pesar.

---

[7] Ou *encontrar-se*, na tradução de Fausto Castilho.

[8] Ou *entender*, na tradução de Fausto Castilho.

[9] Ibid., p. 20

**Método**

Realizar a tecitura deste trabalho escrito já se revela como desafio no modo próprio de sua linguagem, onde navega aí também o seu método. Articular a poética da experiência com as exigências de um trabalho acadêmico é como vento forte para o equilibrista: torna o caminhar arriscado confrontando obstáculos invisíveis.

A direção aponta a investigação da escuta na psicoterapia, não na proposta de definirmos essa ação encerrada em um manual, mas em compreender como a minha escuta clínica se alarga com a contribuição de referenciais da clínica fenomenológica existencial, a daseinsanalyse. Para isso, farei uma leitura compreensiva de alguns trechos de atendimentos que realizei e, a partir do que daí se revelar, fazer articulações com os pensamentos de Heidegger. Ou seja, esse referencial será trazido na medida em que vou compreendendo o que faço, no modo que se apresenta, e não *a priori*. Isso sustenta a minha posição clínica assentada na ética, e não em uma técnica com definidos procedimentos de intervenção.

É por trazer a tônica da importância da experiência, como conhecimento tácito, que compartilho das minhas reflexões sobre a clínica psicológica por meio de vinhetas e atendimentos clínicos que realizei. Serão expostos alguns pensamentos que propulsionam meu envolvimento na ação e no pensamento clínico a partir desses atendimentos.

Entendo que a relevância desses relatos se dá não por se tratarem apenas de inquietações minhas, mas por acreditar serem raiz e ao mesmo tempo fruto de minha construção como psicóloga; o que me permite escrever o que escrevo aqui, e que se faz como caminho possível para uma pesquisa compromissada com a prática. É expondo-se às dúvidas que se faz um trajeto mais tranquilo consigo mesmo, no tocante ao seu esclarecimento. Àqueles sensíveis às questões da vida, a psicologia deságua inúmeras dúvidas e mistérios sobre o existir, e sobre a própria prática da psicoterapia. Perseguir tais provocações (deixar e fazer vir ao encontro) é dar a chance de amadurecer um entendimento suficiente para sustentar com mínima tranquilidade a posição que ocupa diante do enigma. Somente a partir desses relatos será

possível manter a tensão entre conhecimento tácito e explícito. Afinal, *dar a ver* é um potente caminho para o conhecimento.

A aproximação à linguagem se dará na investigação de como acontece a via de encontro que possibilita a compreensão do sentido que é trazido às sessões, e não o significado estrito das palavras.

Desde então, todo este percurso só será possível considerando a compreensão hermenêutica que afetará a própria pesquisadora, com os conhecimentos prévios que carrego através dos anos, da experiência com diferentes abordagens da psicologia, do enriquecimento com a literatura, com música, dialogando com as bibliografias levantadas, e nas íntimas e particulares experiências vividas como observadora, psicoterapeuta e cliente. Entre tantos recortes a serem observados deste rico universo, sem dúvida o trabalho seguirá por onde a minha escuta iluminar um sentido a sentir-me convocada a adentrar.

**Objetivos**

A principal referência dessa pesquisa será a fenomenologia existencial, sobretudo a obra de Heidegger. Não considero que eu tenha *escolhido* a fenomenologia. Considero que pude escutar as minhas próprias convocações e ser verdadeiramente tocada por ela.

Dentro desse processo, sendo rigorosa com o método fenomenológico, não posso dizer onde vou chegar, quais serão meus resultados. Mas posso dizer que a minha experiência como participante do processo influencia diretamente a minha prática e os lugares a serem percorridos e alcançados. Assim, não é possível saber dos resultados de antemão. Isso está vinculado à afetação que vai ressoando nos atores do processo, incluindo a pesquisa em questão.

A questão deste trabalho nasce da facticidade e, portanto, seguirei com foco na própria manifestação ôntica da situação da psicoterapia.

Ainda na fase de sua elaboração, o trabalho direcionou foco à *palavra falada* como objeto de estudo. Naquele então, eu acreditava que para entender o fenômeno da compreensão

entre cliente-terapeuta deveria investigar as palavras. Considerava que o mistério estava em decifrar o significado das palavras na via do acontecimento da comunicação entre cliente-terapeuta na situação da psicoterapia tradicional. Ao longo dessa investigação abandonei essa posição e revi o acontecimento da comunicação a partir dos existenciais fundamentais da abertura do ser-no-mundo, remetendo a compreensão ao *sentido* da fala, que se manifesta a partir do encontro e é elaborado em muitas formas da linguagem, e não mais ao significado do que é falado. Conforme Heidegger (2008, p. 229), "A tarefa de libertar a gramática da lógica necessita de uma compreensão preliminar e positiva da estrutura a priori da fala como existencial". Talvez eu tenha percorrido um trajeto que começou mais próximo à psicanálise e remeteu-se ao *sentido* da fenomenologia.

Essa pesquisa não está empenhada em achar um campo de intersecção entre psicanálise e daseinsanalyse, mas apenas aproximar as influências e abertura oferecidas pela fenomenologia existencial e, poder endereçar a ela o que a ela pertence como inspiração à minha prática, e principalmente à minha escuta.

Então, este trabalho está empenhado em investigar como se dá a escuta do psicoterapeuta que o possibilite se aproximar e pôr à luz as questões mais íntimas do cliente, e assim, compreender o sentido daquilo que o cliente comunica de alguma forma. Ou seja, esclarecer *como se dá a compreensão do sentido do que se mostra do cliente na psicoterapia.* Sendo este acontecimento uma comunicação entre cliente-psicólogo, tendo a linguagem como determinante do homem, essa é uma questão que nos obriga adentrar nesse campo. A pesquisa pretende esclarecer o *como* eu escuto o sentido daquilo que eu escuto, ou qual disposição me permite uma afetação tal que possibilite *ver, ouvir, compreender* o que está à aparição. O falar supõe sempre pelo menos dois interlocutores. "É preciso que alguém ouça e acolha o que é falado para que haja comunicação." (POMPÉIA, 2014, p. 20). Ou seja, dependerá da disposição e da afinação da dupla para que algo aconteça na afetação cliente-psicólogo. Qualquer formulação desmorona se não tratamos a questão, fundamentalmente, como algo implícito dessa relação.

Um último esclarecimento: As meditações de Heidegger serão trazidas no momento em que sou encontrada por elas. Uma apresentação inicial dos pensamentos do autor será necessária para situar o leitor desde o ponto de vista em que parto sobre questões fundamentais deste trabalho. Quais sejam: como eu compreendo o ser humano quando estou

diante do meu cliente; e como eu encaro o procedimento (*téchne*) como acontecimento da psicoterapia. Considero que estes são os aspectos introdutórios mínimos para dar condições para o leitor acompanhar a investigação propriamente dita. Assim, a contribuição da fenomenologia existencial estará para enriquecer nossa capacidade de reflexão sobre o objetivo deste trabalho, e poder com ela, talvez, conduzir a novas possibilidades de experiência clínica.

Este trabalho não tem a intenção de fundamentar a prática psicoterapêutica a partir da fenomenologia existencial. Há muitos trabalhos publicados empenhados em falar da fenomenologia existencial como base da psicoterapia. Para citar alguns exemplos: "*A escuta e a fala em psicoterapia*" de Ana Maria L. C. de Feijoo; "*Encontro com a Daseinsanalyse: a obra de Ser e Tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica*", "*Conversas sobre terapia*" e "*Do desabrigo à confiança*" de Bilê Tatit Sapienza; "*Na presença do sentido*" de João Augusto Pompéia. Outros trabalhos acadêmicos como "*Apropriação de sentido e liberdade: reflexões heideggerianas acerca das práticas clínicas psicológicas*" de Fernando da Rocha Magliano; e também publicações de autores renomados da atualidade como Carmem Lúcia Barreto, Roberto Novaes Sá (de quem adotei o termo *inspiração* fenomenológica à clínica psicológica). Muitos desses trabalhos foram consultados e serão citados nesta pesquisa.

## I. ENCONTRO COM A FENOMENOLOGIA

Por que eu escolhi a fenomenologia como referência deste trabalho e não a psicanálise?

Considero que a resposta que mais se aproxima dessa pergunta seria dizer que caminho por onde fui me deixando ser encontrada e que compreende alguns fenômenos sobre o existir a partir de algumas crenças. Sem dúvida é um caminho pessoal, marcado por uma história singular, que me faz sentido a partir do que eu acredito e que está de acordo com o que eu penso sobre o mundo, sobre a vida e a existência. Nesse sentido, aconteceu um encontro entre mim e a compreensão fenomenológica da existência humana anterior às questões práticas da psicologia.

Tentar achar uma razão explicativa para tal posicionamento cativo é reduzi-lo a uma noção de causalidade que já se perdeu no momento de sua procura. Irredutível ou imprevisível como qualquer outra manifestação singular do existir. Diferente disso é poder argumentar as afinidades com tal caminho, e situar a minha história nele.

Esse posicionamento me mantém em uma ética da qual eu não posso me descolar, tampouco me esquecer ou me desgarrar. “De qualquer forma, muito antes de nos darmos conta de que escolhemos já fomos escolhidos e, embora estas opções possam ser refeitas, haverá sempre algo que nos antecede e nos chama” (FIGUEIREDO, 2015, p. 26). Creio que essas reflexões incentivam a minha escolha e permanência profissional como psicóloga e me referenciam não só nesse ofício, pois acredito que a fenomenologia é uma atitude, e não uma escola da psicologia. Nesse sentido, não poderia dizer o mesmo sobre a minha posição diante da psicanálise que, ao contrário, encontra abrigo em mim principalmente nas questões relacionadas à clínica psicológica.

Ora, mas se a questão que se apresenta é o cenário da psicoterapia e não antes um ensaio filosófico sobre a existência, não faria mais sentido lançar-me na psicanálise? Creio que não. Embora acredite que as questões éticas da clínica se sobreponham às epistemológicas tentarei defender que a base compreensiva do ser humano, e aí já não importa se na condição de psicólogo ou não, acarreta influências significativas ao nosso olhar às coisas, e por isso, ao direcionamento da nossa escuta e compreensão dos fenômenos do homem no mundo. Significa dizer que este posicionamento mobiliza os aspectos mais fundamentais da pessoa, e

com isso, também a sua presença como psicólogo. O psicólogo é antes uma pessoa que se especializa para exercer tal ofício.

Uma grande contribuição de Heidegger para pensar a minha prática clínica repousa no pensar o conhecimento a partir da experiência, e a experiência como acontecimento do encontro. Significa dizer que uma teoria da psicologia só pode ser construída a partir de uma prática que permitiu formulações bem ou mal transcritas para organizar ou referenciar uma atividade profissional. Ou seja, há certa obviedade em constatar que a prática observada é anterior à teoria, e o encontro, anterior a qualquer intervenção. Somente a experiência pode nos oferecer recursos para poder dizer a respeito dela, e então, somente um legítimo abrir-se para a experiência do encontro com o outro pode nos oferecer algum conhecimento daquilo que eu permito que chegue ou se manifeste para mim. "A experiência pessoal é origem, destino e contexto de significação de toda teoria" (FIGUEIREDO, 2015, p. 121).

*Experienciar-se encontrando* será o vértice principal desta pesquisa clínica para a compreensão do sentido em psicoterapia. Nenhuma teoria atinge esse caráter. Por isso, perceber e fundamentar o encontro como acontecimento chave para uma experiência reveladora, e por isso, transformadora, permitiu-me uma leitura e assunção menos rígida das teorias, sem com isso abandonar a minha compreensão acerca do ser de acordo com o pensamento de Heidegger.

> Não se pode vislumbrar o ser pela ciência. O ser exige uma identificação própria. Ele não depende da vontade do homem e não pode ser estudado por uma ciência. Como homens só podemos existir na base dessa diferenciação (entre o ser e o ente). **Para vislumbrar o ser, só serve a própria disposição à percepção. Ocupar-se desta percepção é uma atividade distinta do homem**. Significa uma mudança da existência. Isto não significa um abandono da ciência, mas, ao contrário chegar a uma relação refletida, conhecedora com a ciência e verdadeiramente meditar sobre seus limites. (HEIDEGGER, 2008, p. 47-48, grifo nosso).

Que a insegurança do profissional lançado na psicoterapia - prática tão impalpável - seja colocada em foco nesse momento. Vimos com Figueiredo (2015) duas manobras para fugir da angústia que o profissional da psicologia pode lançar mão: o ecletismo e o dogmatismo. Por mais que se escute, desde os tempos da graduação, que no momento do atendimento devemos

deixar de lado as teorias e conceitos para estar-com o cliente, tem-se o risco desse apontamento tornar-se uma outra teoria: prender-se neste conteúdo e perder-se de seu sentido. Há de se ter à mão um punhado de referências aprendidas, precisão de teorias e conceitos racionalmente compreendidos. Todavia, enquanto o conhecimento for apenas conhecimento distante da experiência, provavelmente haverá um abismo entre o que se sabe, entre o encontro cliente-terapeuta e a sua escuta clínica. Se assimilar tais conceitos da psicologia pode não ser tarefa fácil, mais difícil ainda pode ser desconstruí-los e refazer referenciais (assim como muitas vezes o é para o cliente no processo terapêutico, e o que enxerga e sabe de si). Ao longo da jornada como psicólogo, parece sempre haver uma alternância entre saber e estar confortável no não saber (imprescindível) do enigma da vida.

> Seja enclausurado dogmaticamente na sua teoria ou ingenuamente enclausurado no senso comum o psicólogo que cede à tentação de escapar da angústia através destas formas bastardas de unificação perde a capacidade de experimentar. (Figueiredo, 2015, p. 19).

Se, conforme vimos anteriormente com Figueiredo que, a teoria é útil quando recua para a condição de fundo silencioso, o que se apresenta então como primeiro plano? Se a compreensão de uma teoria deve estar recolhida em um pano de fundo, permanecendo nas margens da consciência focal (FIGUEIREDO, 2015), estar assentado em uma teoria x ou y não traz impactos relevantes no modo da presença do terapeuta e de seu posicionamento diante de seu cliente? Encontrar-se em um conhecimento prévio não me situa diante do mundo e do outro, posicionando-me como abertura ou não abertura para poder ser afetado ou atingido por algo? A que se refere exatamente estar aberto em uma disposição tal? Trazer essa compreensão carrega o eixo fundamental para a discussão deste trabalho. Mais à frente apresentaremos a noção de *disposição* e *compreensão* em Heidegger que ajudará a avançar na investigação.

Compreendo que a daseinsanalyse não considera um referencial como "fundo silencioso" porque admite que dele não se pode fugir, ou seja, conforme Sapienza, (2015) as interferências da teoria se impõem inevitavelmente. É nessa radicalidade aberta e liberta que ela se posiciona na clínica:

> Quando falamos em suspensão das teorias, isso não significa aquilo que alguns psicólogos, embora trabalhando na referência bem específica de uma teoria psicológica, dizem: quando estou com o paciente e fecho a porta do consultório, deixo a teoria do lado de fora, me esqueço dela. **Mas uma teoria não é algo que se possa largar do outro lado da porta, pois as posições teóricas que temos fazem parte de nós, elas compõem a nossa maneira de pensar,** e aquela teoria que esse psicólogo diz que deixa fora, sorrateiramente, entra com ele no consultório como pano de fundo da compreensão que ele tem daquilo que o paciente traz.
> Trabalhando com o referencial da fenomenologia daseinsanalítica, não esquecemos uma teoria psicológica fora da sala, porque não a temos, ela realmente não faz parte do nosso referencial compreensivo. (p. 29, grifo nosso)

A posição da fenomenologia exige de forma radical a suspensão das teorias. Não porque isso seja uma diretriz ou método, mas justamente por ela não ser uma teoria. E talvez este seja o ponto decisivo para a minha inclinação à fenomenologia, um ponto de virtude e vertigem: nada se antepõe ou antepara o encontro com o cliente que não seja a própria face da relação ser-com cliente-terapeuta.

Da mesma forma, admitir a fenomenologia como contribuição estrita à minha prática clínica não seria um ato "antifenomenológico"? Como quando dizer que outros campos de aprendizado não estão incluídos como contribuição à minha escuta no *setting* terapêutico?

A atitude fenomenológica propõe deixar os fenômenos se mostrarem por si, e deixar que os sentidos e os significados das relações do cliente se mostrem tal como se dão. Assumir esse posicionamento na clínica psicológica retira o psicólogo do lugar daquele que enxerga os fenômenos no âmbito da explicação, e que transforma a experiência em constructos teóricos, ou seja, tira o psicólogo do lugar daquele que é detentor de um conhecimento que o permite saber mais sobre o cliente do que ele próprio. Uma vez procedendo dessa maneira, estaria se distanciando do fenômeno mesmo, e da compreensão do seu cliente.

A questão não é simplesmente se o terapeuta vai fazer uma intervenção explicativa ou se vai compartilhar esse raciocínio com seu cliente ou não. O ponto é que, mesmo sem se referir de forma explícita, o olhar do psicólogo sobre seu cliente já carrega o filtro acomodado em sua compreensão sobre os fenômenos e a realidade. A depender da influência que comporta tal filtro, poderá ser chamado a atentar a um aspecto do cliente ou outro. Mas isso não se torna

um problema. Pelo contrário, é inevitável como condição humana. O perigo reside no fato de que tal filtro poderá ainda afastar o psicólogo de se experimentar na relação com o cliente, ou atrapalhar o acesso ao sentido da experiência ali compartilhada. Não perceber o que te toca na relação com o outro, ou não se deixar ser afetado por aquela presença faz sucumbir o encontro como experimentação transformadora: "O que é experimentar, efetivamente, senão entrar em contato com a alteridade?" (Figueiredo, 2015, p. 19).

Isso pode acontecer com qualquer teoria ou conceito que funda a crença de cada um. Mesmo o que se diz fenomenólogo não está isento desse risco, mas ele tem ao seu lado o convite da fenomenologia em propor que essa crença, na qual nos referenciamos, possa ser abalada. Não significa que a fenomenologia defenda um purismo natural; ao contrário, ela reconhece tais interferências e atenta para que possamos ouvi-las, e se for o caso, reposicioná-las.

Como, então, a fenomenologia está de acordo com o meu referencial compreensivo sobre a existência e contribui para o meu olhar e escuta do meu cliente?

## I.I. Quem é a pessoa que chega à psicoterapia?

Como eu compreendo as pessoas que chegam ao meu consultório? Com quem eu me encontro na psicoterapia e como o pensamento de Heidegger contribuiu para o meu olhar sobre essas pessoas? Apresentarei mais algumas contribuições do filósofo para deixar claro de onde partem as minhas considerações clínicas.

Quando recebemos no consultório ou instituição, pessoas interessadas em iniciar um processo psicoterapêutico, na maioria das vezes relatam estar vivendo momentos de angústia. Muitas delas chegam com uma problemática existencial que gera sofrimento, e que tem a necessidade de ser cuidada. Há aquelas que chegam à terapia sem nenhuma queixa específica, senão com uma sofrível sensação de estranheza de si e de suas vidas, ou ainda as que não conseguem dizer exatamente o que está lhes passando, porque elas mesmas não entendem o próprio incômodo. Algumas pessoas dizem estar observando suas vidas lhes escapando das mãos, como se estivessem percorrendo um caminho desconhecido e alheio, sem mais saber o

porquê e nem se esse trilhar no qual estão lhes fazem algum sentido. Como se precisassem resgatar o horizonte de seus projetos e dos caminhos trilhados até ali. Essas são algumas das experiências observáveis na psicoterapia em nosso tempo.

Tudo o que o cliente traz para a sessão comunica o seu modo de ser-no-mundo. É no escutar atento de tudo ao que ele se refere que vamos compondo a mundaneidade de cada cliente. O modo como cada qual relata lidar com as situações, as histórias que contam, o *como* contam, são notícias ricas que nos auxiliam a cartografar o seu ser-no-mundo. "Naquilo tudo que o paciente traz ao longo das sessões vai se mostrando, aos poucos, aquela existência, ou seja, aquele *poder-ser* que se encontra sempre *já tendo-sido no mundo fático* que é o dele, *decaído* em meio a tudo que se apresenta na lida cotidiana." (SAPIENZA, 2015, p. 30, grifo da autora).

O projeto de Heidegger se distancia das ciências tradicionais no momento em que exclui o homem de qualquer determinação prévia que o defina ou o objetifique, seja criando representações de um modelo de desenvolvimento ou mecanismos gerais de funcionamento, pois isso retiraria sua liberdade e originalidade[10], como se estivesse condenado a um modelo específico de se dar.

Heidegger vai falar do ser humano a partir de *existenciais*, que são condições ontológicas do próprio existir dos quais não podemos evitar ou fugir (como a morte, a temporalidade, a vida em comunhão às outras pessoas, o mundo onde vivemos…). Esses existenciais podem servir como norteadores aos psicólogos para a compreensão do modo de ser das pessoas, para a forma como elas lidam e se relacionam com os aspectos fundamentais de suas existências, e não uma noção explicativa sobre o ser humano e suas agonias. Embora admitindo poder ler as teorias psicológicas como subsídios em um "plano silencioso", Heidegger propõe com radicalidade um modo antinatural de se conhecer o ser. Essa posição implica um absoluto respeito a liberdade de cada um frente ao seu existir. Nada de antemão (senão o que se interpela como condição existencial, como diz Heidegger) está estabelecido

---

[10] No caráter de ser próprio.

para o ser humano enquanto destino ou determinação, seja no campo da sexualidade[11], seja no campo das escolhas profissionais, seja no modo de se relacionar com as outras pessoas e com o mundo. É claro que o mundo que nos chega concomitantemente a nossa existência já subsidia alguns referencias (tanto no tocante à expectativa, quanto à adequação e regras sociais) mas isso não está essencializado no ser humano; é antes, um acontecimento imediato que coincide com o seu nascimento caído em um mundo situado historicamente. A questão reside em como cada pessoa lida com a vida e com aquilo que lhe vem ao encontro, com aquilo que o mundo lhe convoca e lhe oferece.

No pensamento de Heidegger, conceber uma organização prévia que descreva as etapas do desenvolvimento do ser humano com consequências esperadas é reduzir uma existência a uma noção de causalidade que não se verifica diante da infinidade de estímulos do mundo, e que tampouco certifica o que baliza as escolhas de cada um em um âmbito que possa ser localizado e identificado a sua gênese, pois não possui nenhuma propriedade efetivamente real ou pré-determinada. Confere o mesmo status o procurar pelas causas de minha escolha por ser psicóloga, preferir praias a montanha, ou gostar de tapioca: *já se perdeu no momento de sua procura.* É possível que eu argumente em favor dessas escolhas e situe o significado e o sentido delas em minha vida. Mas não que exista em mim um núcleo decisório sob tais escolhas à parte da história do meu envolvimento com elas.

Sendo assim, não se pode controlar e tampouco antever o que cada pessoa se tornará, não há nada que defina o ser do ser humano. Nesta perspectiva, torna-se claro o necessário reposicionamento da noção de "falha de desenvolvimento" ou de doença. O ser-aí[12] é desprovido de qualquer natureza e isso é levado ao extremo. Ou seja, o ser-aí *ek-siste*, o que significa estar originalmente aberto e lançado para fora de si, *projetado* no mundo conjuntural, situado numa época e cultura. Ser-no-mundo é sempre e inevitavelmente projeto.

---

[11] A exemplo disso, é curioso observarmos que a homossexualidade já foi considerada uma doença psiquiátrica, e, embora a psicanálise não concordasse com esse posicionamento biológico, considerava a homossexualidade como uma "falha no desenvolvimento sexual", a ponto de gerar controvérsias na entrada de homossexuais nas instituições de formação psicanalítica. Cf. os trabalhos "*Notas para uma história de discriminação no movimento psicanalítico*", de Lucas Charafeddine Bulamah e Daniel Kupermann (2013), e "*Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições*" de Daniel Kupermann (1996).

[12] Ser-aí como tradução de *Dasein:* é como Heidegger nomeia a existência humano em sua condição ontológica de ser (Sein) aí (Da), ou seja, o ser é invariavelmente um ser-no-mundo.

Esse projeto vai se constituir no lançado do aí a partir da significação de sua história, ou seja, de sua historicidade. (CASANOVA, 2013).

O mundo, enquanto rede de significações historicamente constituído, imediatamente oferece as orientações para o comportamento em geral, inscrevendo certa organização social. Ou seja, existe um campo que nos oferece subsídios para pertencer a um meio, de forma que o mundo não seja completamente estranho e inóspito. Existir é obrigatoriamente ser-com-os-outros, é ser parte de uma coletividade social, com algumas regras estruturadas historicamente. Somos sempre parte de um todo.

Entretanto, esta noção de pertença não é suficiente para determinar o direcionamento que cada existência seguirá. A grande questão é o projeto singular que cada pessoa vai se lançar dentro de cada horizonte de sentido a partir de sua história. Importa-nos compreender como cada cliente cuida de sua existência dentro da articulação que vai tecendo em sua vida.

Essa compreensão permite ao psicólogo se inserir na referência de mundo daquela pessoa e ir compreendendo o sentido das coisas com que ela se relaciona e faz. Embora exista um enredo já estabelecido na organização do mundo como um todo, cada cliente vai nos mostrar como ele vive cada situação, como ele lida com cada confrontamento que a vida lhe impõe. O mundo do cliente se torna o nosso referencial, sem que o terapeuta esteja despido dos próprios referenciais, afinal, existir em mundo impõe-nos a compreensão prévia que nos desvela mundo.

Em última análise, isso traz consequências significativas no modo como se escuta e se compreende a pessoa e o mundo de tal pessoa que encaramos. Compreendo essa posição de Heidegger como um respeito extremo à singularidade de cada um em sua existência face à implacável condição de indeterminação do existir. Ao mesmo tempo, não ignora que cada pessoa só pode enxergar o mundo e os outros através dos próprios olhos. Em uma formulação bem simples: eu só compreendo algo como algo porque eu sou eu. Existe uma tensão constante e indissociável entre o paradoxal ser-com singular-plural. Nas palavras de Heidegger:

> A relação com algo ou alguém, na qual eu estou, sou eu. Entretanto, ‘relação' não deve ser objetivamente entendida aqui no sentido moderno, matemático de relação. A relação existencial não pode ser objetivada. Sua essência fundamental é ser aproximado e deixar-se interessar, um corresponder, uma solicitação, um responder, um responder por baseado no ser tornado claro em si da relação. (HEIDEGGER, 2008, p. 222)

Então, relação como ser afetado pelo outro e vice-versa reside invariavelmente na sua presença enquanto abertura.

# II. O ACONTECER DA PSICOTERAPIA

*Oh, bem foi avisado que se se explicasse ninguém entenderia, pois explicando como é que um pé segue o outro ninguém reconhece o andar.*

**Clarice Lispector**

## II.I. Técnica x *Téchne*

Uma tendência característica da nossa época seria a de apresentar a questão deste capítulo na expectativa de uma resposta que atendesse à pergunta "*qual é*" o procedimento técnico da psicoterapia, como se consistisse em algo definitivamente esclarecido.

O senso comum compreende a psicoterapia como uma prática aplicada de um conhecimento científico, com teorias e técnicas específicas. Essa é uma herança "da noção de verdade que se tornou hegemônica para a tradição filosófica ocidental." (SÁ, 2009, p. 64), e arrasta para a psicologia a ideia de uma ciência visando a produção de efeitos determinados.

É comum pessoas chegarem ao psicólogo para "resolverem" alguma coisa que avaliam estar desajustada. Não à toa muitos deles chegam dizendo que "tem" um diagnóstico dado por um psiquiatra, ou porque acreditam que se enquadram nessas categorias. Em geral, quando um cliente chega com essa queixa há um pedido de "se livrar dessa doença" que o incomoda tanto. Esse modo de pensar supõe a psicologia como uma ciência prática de aplicações técnicas desenvolvidas, capaz de produzir efeitos determinados, "dentro de certas margens de controle e previsibilidade" (MATTAR & SÁ, 2008, p. 192), e ainda, supõe o sofrimento como um desajuste que pode ser extirpado da pessoa, como algo que a acomete, não que ela é.

Essa expectativa, a de poder extinguir uma doença, faz predominar a visão de uma psicoterapia capaz de fazer avaliações sobre o ser humano, com procedimentos padronizados e controlados, tendo em vista resultados que pudessem ser verificados. Há certos campos da psicologia que se propõem a tal atividade, mas compreendem um modo de ser psicoterapeuta diferente do modo inspirado na fenomenologia, ou atendem a um objetivo distinto da clínica aqui em questão (nesse momento não cabe aprofundar quais seriam eles). Nessa perspectiva, a

visão sobre o ser humano também seria compreendida longe do olhar fenomenológico, como vimos no capitulo anterior. Este modelo atenderia aos procedimentos da técnicas, necessário para algumas ciências específicas que se efetuam na rigidez de procedimentos que assegurem o estado das coisas bem definido (FEIJOO, 2004). É o campo das ciências que atuam, por exemplo, na verificabilidade das ciências naturais e físicas, como no caso da engenharia civil que obrigatoriamente trabalha para anular ou compensar fragilidades estruturais a garantir a segurança das edificações de construções, e proteger o bem estar social enquanto espaço físico.

O conceito de técnica que Heidegger trabalha em sua obra é trazido por Ana Feijoo (2004) em seu artigo *A psicologia clínica: técnica e téchne* para contrapor a noção de ciência a que se propõe a psicologia e o procedimento do seu exercício na clínica. Não se trata de negar os benefícios (necessários!) da técnica em certas áreas distintas da psicologia, mas apenas de demonstrar que a base de atuação opera de outra forma. Enquanto as construções civis trabalham com concreto, areia, pedra, a psicologia se dedica às questões do ser humano, os objetos de estudo são radicalmente distintos, e portanto, a perspectiva é radicalmente diferente. Nas palavras de Figueiredo (2015, p. 60) "a clínica implica numa intervenção, mas é um equívoco pensá-la como mera aplicação de conhecimentos básicos", e por isso, seria um equívoco tentar provar a eficácia da psicoterapia, ou definir o 'produto' adquirido ao ‘final’ do processo.

Uma forte preocupação da fenomenologia existencial é preservar a compreensão do ser diferentemente da compreensão que se tem dos outros entes não humanos, e por isso, dirigir um olhar e um pensamento diferente do pensamento calculante. Nesse sentido, o psicoterapeuta fenomenológico observa com espanto a tendência atual da supervalorização exigente do desempenho do homem em diversos campos: profissional, pessoal, relacional de forma geral, estético etc. Existe uma expectativa social que impõe, às vezes de maneira silenciosa e velada, um padrão a ser conquistado, colocando em termos do que é aceitável ou normal, e como as coisas devem ser enquadradas. As referências sociais a serem seguidas nos chegam acompanhadas de determinados procedimentos e caminhos específicos que se dizem efetivos para alcançar o resultado com êxito; êxito aqui como o alcance de um resultado correspondente à expectativa corrente. Os projetos singulares são atropelados e o cuidado pessoal é substituído pelo cuidado impessoal.

Este modo de encarar a própria existência incorre no risco de ocasionar a sobreposição do modo como ocorrem as coisas ao modo de ser do ser humano: nos limites da produção, nada é encarado como impossível desde que bem calculados os seus procedimentos, tendo em mãos o controle dos resultados definidos a serem alcançados. Feijoo (2004) expõe que a *técnica* tem um significado característico dos modos de produção da nossa sociedade, principalmente por cair no risco de uma extrapolação desses procedimentos e seus efeitos recaírem no modo como cada um se vê e se experimenta como ser humano, e ainda, como estabelecem as relações com os outros, com a sociedade e com o mundo. "O perigo está na perda da liberdade frente aos dispositivos técnicos, criação do próprio homem, cuja essência pode se sobrepor à essência do homem, e deste modo, tornar esse homem escravo de sua própria criatura" (FEIJOO, 2004, p. 90).

No livro *Os dois nascimentos do homem* os autores João Augusto Pompéia e Bilê T. Sapienza oferecem um capítulo a esse assunto. O que se expõe nesse texto é a *técnica* tendo um significado característico dos modos de produção da nossa sociedade. "Esta é a época em que tudo pode ser produzido, em que tudo é factível, de maneira cada vez melhor e mais rápida" (POMPÉIA; SAPIENZA, 2011, p. 124). É a *técnica* que permite avançar em tecnologias e se apoderar da natureza, é o desenvolvimento do "pensamento calculante", onde todas as coisas tornam-se mensuráveis e controláveis. Na época da técnica é como se tudo pudesse ser dominado e reproduzido. Sua eficiência é medida a partir dos resultados atingidos, a partir de seus objetivos claros e definidos, e na padronização de seus processos, bem como na supressão de imprevistos e efeitos inesperados.

Heidegger refere-se

> ao abandono do pensamento meditante, característico da modernidade, como falta de pensamento. Diz que no pensamento calculante o homem acredita na razão como perfeição, considerando-se sagaz e proficiente, e ainda que, através de seus cálculos, pode prever e controlar tudo a sua volta. Quando esta forma de pensar predomina, dão-se as objeções com relação ao meditar, que passa a ser considerado como superficial e, portanto, não dá conta da realidade, e que, além disso, não tem nenhuma utilidade de caráter prático. Acredita o homem da ciência que, por se tratar de uma meditação, este modo de pensar faz-se pequeno frente ao pensamento que calcula. (Feijoo, 2004, p. 88).

Isso a que Heidegger se refere pode ser uma grande armadilha para o psicoterapeuta capturado por atender as exigências da técnica. A psicoterapia conduzida pela referência diagnóstica poder ver o homem caído na impessoalidade do “todo mundo”. A direção deste trabalho caminha para a apreciação de uma clínica diferente disso. Ao contrário, vai encontrar no pensamento meditante uma possibilidade outra para a compreensão e abertura do outro.

> Na época contemporânea, em que as demandas de sofrimento existencial, endereçadas à clínica psicoterápica, cada vez estão mais relacionadas ao nivelamento histórico do sentido ao que pode ser computado no cálculo global de exploração e consumo, é imprescindível, para que a psicoterapia possa se constituir em um espaço de reflexão crítica propiciador de outros modos de existir, que ela própria não permaneça acriticamente subordinada a esse mesmo horizonte histórico de redução de sentido. (MATTAR; SÁ, 2008, p. 202)

A sensação de sermos livres para conquistar exatamente o que quisermos nos encapsula ao gosto de uma falsa liberdade. Pode-se dizer que uma “certa" leitura de Heidegger sobre o ser humano é uma crítica à sua maquinização na era da técnica, como restrição a sua abertura de liberdade, como se ficasse condicionado a uma atuação mecânica, passível de controle, à mercê dos meios de produção. Liberdade aqui se refere à possibilidade e abertura, incluindo as escolhas de como vai se dar o próprio cuidado. “O homem é essencialmente necessitado de ajuda, por estar sempre em perigo de se perder, de não conseguir lidar consigo. Este perigo é ligado à liberdade do homem”. (SÁ, 2009, p. 198). Então, uma outra noção de verdade, presente no pensamento grego, é resgatada por Heidegger, sendo ela mais originária que aquela noção de verdade como correspondência e adequação: a verdade como desvelamento[13]. Nesse sentido, a verdade será sempre uma construção, não por isso menos ou mais verdadeira que uma verdade técnico-científica. A noção de doença se arrasta junto a essa noção de verdade como adequação e correspondência. Dessa forma, a doença, para a fenomenologia existencial, é compreendida como uma "perda de liberdade, uma limitação da possibilidade de viver”. (HEIDEGGER, 2008, p. 197).

---

[13] Ibid.

O pensamento meditante está relacionado ao que os gregos chamavam de *téchne*, diferente do atual significado de *técnica*.

Conforme Casanova (informação verbal)[14], a *téchne* tem um lugar paradigmático na própria constituição do pensamento grego: funde-se na relação entre *poiesis*, *téchne* e episteme (a arte, produção e saber, respectivamente). Quem produz precisa deter uma arte de produzir e um saber produzir que não é capaz de produzir todas as coisas, mas que precisa se orientar por aquilo. A produção é estruturada por limites não produtivos da ação, ou seja, o mais essencial da ação não pode ser produzido. "Nenhum saber manipular algo, por mais extraordinário que seja, já assegura por si uma compreensão adequada da essência e do sentido do manipulável" (BOSS, 2001, p.348)[15]. Com isso o autor quer dizer que a experiência do acontecimento não tem como ser produzida, ou seja, a essência da ação não envolve nenhum efeito de produção, assim como o é a atividade criativa, e por isso diz respeito ao processo de realização das artes. "É preciso abrir espaço para que a obra apareça. Produzir significa querer se adiantar ao acontecimento da obra. Deixar ser é o contrário de produzir"[16]. Casanova diz que o artista vai escutando no próprio movimento de realização da ação aquilo que a ação requisita dele. Não há distância entre artista, movimento de realização da obra e a obra, mas uma composição desses em uma unidade. A arte só acontece se puder escutar a voz silenciosa do acontecimento. Escutar a dinâmica do próprio acontecer da coisa, deixando que a coisa aconteça"[17]. O autor define o movimento de realização da obra e a própria obra como "estruturas peculiares para além da dicotomia da atividade e passividade"[18].

A referência à arte nos aproxima da compreensão da clínica psicoterapêutica de inspiração fenomenológica. Não digo que o paciente *é* obra de arte, mas digo da possibilidade

---

[14] Informação de aula fornecida pelo Prof. Dr. Marco Antônio Casanova no curso "Para uma psicologia com bases fenomenológico-existenciais: Heidegger e a técnica", pelo Feno&Grupos, em 2013.

[15] Carta de Medard Boss a Heidegger em "Seminários de Zollikon" (2001).

[16] Idem.

[17] Idem.

[18] Idem.

de encarar os processos dos acontecimentos psicoterápicos *como* acontecem na realização da obra de arte. É poder, a cada encontro com o seu cliente olhá-lo e ouvir o que e como nos fala e nos mostra em todas suas linguagens; há, em certos limites, uma orientação que conduz o movimento da sessão, mas não referencia a essência de todas as ações na psicoterapia, senão antes, uma atitude ética diante do encontro com o seu cliente. Dispor-se à psicoterapia como o dispor-se à obra de arte é experienciar o abrir-se para o que puder emergir do outro, incluindo o surgimento de um elemento surpresa, o espanto, a perplexidade. É deixar surgir o outro a partir da experiência do encontro, e apreender seus sentidos que vão ficando evidentes com o tempo[19]. O psicólogo está ali para dar passagem para o que puder surgir da relação e, na paciência do tempo, deixar que algo se torne manifesto.

> A abertura do psicólogo para a arte dependerá principalmente de sua disposição, como espectador da arte, para introduzir-se nesse campo abissal, (…), correndo o risco da vertigem e o da perda de pontos fixos, risco que esse campo necessariamente suscita. Afinal, relembrando Huyghe (1986, p. 19), 'a obra não põe apenas em jogo a psicologia do artista, mas também a do espectador. Que procura nela, que recebe dela e por que razão a sente? - são questões que o intérprete ao se abrir para o campo das obras, mais cedo ou mais tarde, terá que responder. E consequentemente se comprometer. (FRAYZE-PEREIRA, 1994, p. 58).

Cada dupla tem um jeito peculiar de se encontrar e, portanto, não existe uma técnica única que possa ser replicada. Assim como diz Frayze-Pereira, todos os atores envolvidos serão afetados pelo processo. Desse modo,

> O psicoterapeuta que vê o homem como abertura, portanto em *devir*, não se deixando apreender por nenhum sistema e teoria, vai atuar pela *téchne*, deixando que o homem transpareça a si mesmo ao seu modo e a partir de si mesmo. Assim, o psicólogo não mantém nenhum referencial de verdade nem indica o melhor caminho para tal homem: é este que, no seu desvelar, vai deixando-se vir à presença, reconhecendo-se em sua vulnerabilidade. (FEIJOO, 2004, p. 89)

A psicoterapia é uma oferta de quebra com a lógica do pensamento calculante, convidando o cliente a uma parceria para meditar sobre a verdade de sua história. Muitas

---

[19] Informação fornecida por João Frayze-Pereira no Colóquio Psicanálise e fenomenologia - O paciente como obra, do IPUSP, em 2015.

vezes, a sessão é um momento de ruptura na correria do dia-a-dia em que a pessoa se vê ocupada em atender as obrigações e convocações da vida que nos chegam a todo o tempo, seja nos cuidados da casa, da família, do trabalho. É poder efetivamente *parar* por um momento diante de alguém interessado em ouvir sua história, e atento para tal. Falar sobre si é uma oportunidade de sair do automatismo do cotidiano e dedicar atenção ao que está fazendo e como está se conduzindo pela vida a partir do seu relato.

Do ponto de vista do psicólogo, compreende-se a psicoterapia referida a uma ética e não a uma técnica. Ela se apresenta

> a partir de um si-mesmo de um em casa bem instituído, reconhecer o 'outro' na sua alteridade irredutível a qualquer representação teórica, o 'outro' resistente a qualquer assimilação ao 'mesmo', refratário ao 'idêntico' articulado num sistema tecnológico de controle e manipulação de recursos disponíveis. (FIGUEIREDO, 2015, p. 166).

Esse atitude por parte do psicoterapeuta possibilita a abertura de um campo para a aparição e o desvelamento de algo não familiar, e com isso, propiciar o encontro com o estranho: o estranho do outro, mas também o estranho em nós mesmos. A presença do psicólogo no *setting* psicoterapêutico como alguém que está-com o outro, junto-a, constitui, nessas características, uma ambiência propícia na qual o poder revelar-se pode acontecer. O estranho terá passagem para aparecer em um ambiente de cuidado, e isso só será possível se "na relação psicoterapeuta-cliente, o vínculo e a confiança mútua forem estabelecidos" (FIGUEIREDO, 2015, p. 166).

> Estaríamos, assim, eticamente implicados em uma dupla vertente que poderíamos nomear tomando de empréstimo algumas palavras da filosofia: *Serenidade* (Heidegger) - o habitar sereno e confiado como condição para abertura e o encontro; *Amor facti* (Nietzsche) amor aos fatos e aos fados, acolhimento do inesperado e aleatório, escuta paciente de outras vozes apenas entreouvidas, espera do outro que nos vem ao encontro e desaloja." (FIGUEIREDO, 2015, p. 101).

Nesse sentido, a preocupação do psicólogo diante de quem chega ao consultório (ou instituição) é o estar junto. Não como algo simplesmente presente, como o é a cadeira que o

cliente senta, mas esse "estar junto de […] tem o traço fundamental do estar aberto para a coisa presente, com que se está" (HEIDEGGER, 2009, p. 107). Nas palavras de Figueiredo (2015, p. 165-166), o caráter da clínica é "a submissão do sujeito a um outro que irrompe e se eleva a sua frente, expressando sofrimento, fazendo-lhe exigências, desafiando sua capacidade de atenção e hospedagem(…) *furtando-se ao seu domínio, desalojando-o"*. Mas também esse outro será aquele que na face escancarada de seu desamparo, ou no compartilhar das suas revelações "pode assumir diante do sujeito uma posição *ensinante*. Clinicar é, assim, *inclinar-se diante de*, dispor-se a *aprender-com*, mesmo que a meta, a médio prazo, seja *aprender-sobre.*"[20]

A psicoterapia pode ser entendida como um lugar de transitoriedade onde se permite a desocultação ou (re)articulação dos sentidos na construção ou revisão de projetos. Transitoriedade é entendida não como lugar de passagem, mas como lugar onde se pode experimentar radicalmente o que está acontecendo sem a urgência de ter que sair dela. É poder se atentar a isso, e adentrar no que se mostra de forma a ampliar o campo de visão e de significação debruçados na dedicada reflexão sobre o cliente, sobre o que se apresenta como questão para ele.

> Existem, portanto, dois tipos de pensamento, sendo ambos à sua maneira, respectivamente, legítimos e necessários: o pensamento que calcula e a reflexão (*das Nachdenken*) que medita. [...] um pensamento que medita surge tão pouco espontaneamente quanto o pensamento que calcula. O pensamento que medita exige, por vezes, um grande esforço. Requer um treino demorado. Carece de cuidados ainda mais delicados do que qualquer outro verdadeiro ofício. Contudo, tal como o lavrador, também tem que saber aguardar que a semente desponte e amadureça. (HEIDEGGER, 1955, p. 13-14 *apud* SARAMAGO, 2008, p. 162)

A serenidade (*die Gelassenheit*) está relacionada ao pensamento meditante. Ela (a serenidade) não carrega em si nenhum ato de vontade, tampouco expressa-se em uma atitude passiva, nem mesmo ativa. Ela se "aproxima, antes, de um não esquecimento atento, que simplesmente aguarda." (SARAMAGO, 2008, p. 164). Essa é uma boa leitura da disposição

---

[20] Ibid., p. 166

do psicólogo diante de seu cliente. Voltarei a falar sobre essa disposição no próximo capítulo como abertura para a compreensão do cliente.

# III. O ENCONTRO COMO ACONTECIMENTO DA PSICOTERAPIA

*Um bom poema*
*leva anos*
*cinco jogando bola,*
*mais cinco estudando sânscrito,*
*seis carregando pedra,*
*nove namorando a vizinha,*
*sete levando porrada,*
*quatro andando sozinho,*
*três mudando de cidade,*
*dez trocando de assunto,*
*uma eternidade, eu e você,*
*caminhando junto.*

**Paulo Leminski**

Não é tarefa fácil falar sobre o que acontece na psicoterapia. Tentamos apresentá-la no capítulo anterior, dentro de alguns limites, sem cometer o risco de operacionalizá-la, ou de reproduzir o que já foi escrito até aqui sobre a prática inspirada na fenomenologia existencial, a daseinsanalyse. É um campo escorregadio que pode nos levar à queda e ao distanciamento do seu acontecimento autêntico.

Nas linhas anteriores apresentei algumas ideias chave de Heidegger para situar o/a leitor/a de que lugar parto para pensar o que penso, ou seja, qual é a interpretação prévia que eu tenho do mundo e das questões sobre o existir. Afinal, a minha compreensão a respeito do que acontece com as pessoas e com as coisas depende, fundamentalmente, desse entendimento prévio que já carrego comigo. Nunca há neutralidade e nem um posicionamento isento. Sempre já parto de algum lugar anterior que me permite entrar em contato de algum jeito com a realidade que chega até mim. Por isso, a minha escuta clínica e a minha compreensão sobre o meu cliente já estão imediatamente atravessadas por isso. Como isso atravessa minha escuta clínica? É o que pretendo apresentar a partir daqui.

Seguirei com trechos compreensivos de atendimentos de alguns clientes meus, procurando aproximar, da forma mais viva possível, como experiencio o encontro cliente-terapeuta e como acontece a compreensão do sentido nesse encontro. Todo relato sobre os

atendimentos e os meus pensamentos correntes naquelas situações aparecerão em *itálico*. Os nomes dos clientes serão trocados por heterônimos para preservar a identidade dos mesmos, mantendo o respeito e o sigilo.

Conforme os relatos e os acontecimentos das sessões forem despertando pensamentos de autores, vou costurando tais ideias com a compreensão dos atendimentos para ajudar a ampliar o entendimento e discussão sobre o fenômeno que se evidencia. Noções importantes do pensamento de Heidegger que não foram esclarecidas antes serão apresentadas nesses trechos.

Todos os relatos a seguir são escritos meus pós sessões. Não houve gravação dos diálogos e por isso não são transcrições diretas, haja vista se tratar da minha escuta clínica, ou seja, como eu pude compreender. Como dizia Manoel de Barros, tudo o que eu não inventei é mentira.

***MONIQUE***

*Monique era uma cliente que veio para a psicoterapia encaminhada pelo CAPS*[21] *onde trabalhei, por isso já a conhecia.*

*Quando recebi seu encaminhamento resgatei a memória que tinha dela no CAPS, onde foi diagnosticada como bipolar. Lembro dela nos grupos terapêuticos onde sempre falava muito, às vezes não se dava conta que atropelava os outros participantes e parecia não estar interessada no que tinham a dizer. Parecia que Monique permanecia preocupada no que queria falar, e não no que ia escutar. Será que ela escutava a si mesma? Também falava alto, e dizia sobre muitas teorias que estudava em busca da verdade, incluindo fortemente a religião.*

*Percebia um incômodo geral da equipe em relação a ela. A paciência esgotava. Eu me cansava. Eu e toda a equipe fomos nos acostumando a cortar Monique. De repente era a nossa única intervenção a ela. Não a escutávamos mais. Fazíamos com ela o que ela fazia*

---

[21] Centro de Atendimento Psico-Social: Equipamento de saúde mental inserido no projeto federal de tratamento substitutivo aos manicômios.

*com os demais do grupo? Quando me dei conta disso, fiquei chateada. A chateação me fez parar e pensar. Compartilhei com a equipe sobre o que tinha observado.*

*Um ano e meio depois de eu ter saído do CAPS recebo o encaminhamento de Monique para atendê-la em meu consultório. Quando essa notícia me chegou fiquei receosa; não sabia se existia em mim a disponibilidade para recebê-la lembrando do incômodo que ela me causava. Mesmo assim, aceitei. Por que será? Lembrava dela no CAPS, do quanto era exaustivo o contato com ela, do tanto que falava, de como não escutava os outros. Será que a terapia ia ser um lugar de despejo verborrágico e nada mais? Mas também pensava que o encontro no consultório era um acontecimento muito diferente em relação aos outros espaços terapêuticos. Também lembrei que existia em mim uma sensibilidade às questões dela, como quando questionei a mim e à equipe CAPS. Além de que a entrada de um novo pagamento, naquele momento, seria-me importante. O dinheiro passava a ser uma variável para a abertura ao encontro? Lembrei de um cliente cuja questão do pagamento foi mobilizador de um aspecto importante do processo terapêutico, que aconteceu na nossa relação. Bem, pensando agora, existiram alguns outros clientes onde é possível pensar o pagamento como viabilizador e também impossibilitador do encontro terapêutico. Hoje entendo a importância e o papel do dinheiro na psicoterapia. Cada cliente revela um sentido diferente no quesito pagamento, mas está sempre posto no processo. Aqui abre-se um novo ponto sobre este acontecimento privilegiado no encontro terapêutico, de que voltarei a falar mais tarde.*

*Depois de aproximadamente 1 ano e meio de terapia tivemos uma sessão em que Monique me disse o seguinte:*

*"Eu não tenho filtro para perceber algumas coisas… eu fico ingênua. Tem situações que eu não sei me proteger. Tem hora que eu fico confusa com o que está acontecendo e minha reação é ficar dispersa. Eu não percebo se eu falo alto. Meu irmão briga comigo e diz que eu sou inadequada. E eu entendo que às vezes eu sou inadequada, mas eu não consigo perceber. A realidade me constrange."*

*Enquanto isso eu pensava 'a realidade a constrange'! Que ótima frase. É uma boa compreensão a quem se diz 'inadequada'… a realidade deve constrangê-la mesmo. Se a realidade a constrange então a realidade para ela é que deve ser inadequada. Não deixo de concordar. Por um lado ela se refere sem crítica em algumas situações, mas por outro lado parecia ter algumas boas percepções sobre as coisas. Eu notava o esforço que ela fazia*

*quanto a isso. Mas será que ela só pode perceber isso através do olhar do irmão? Será que ela precisa do olhar do outro para poder ver algumas coisas sobre si?*

*"As coisas pra mim são mais difíceis do que para as pessoas comuns", continuava ela.*

*Eu a ouvia com beleza, embora não fosse uma balada romântica, porque tudo aquilo era manifestação de muito sofrimento. Doída, ou doida, mas bela. "'É Monique, deve ser mesmo. Eu entendo o que você diz", eu compreendia muito bem o que ela sentia e dizia. Ora, a realidade também me constrangia às vezes. Eu fui me encantando com a forma dela enfrentar o mundo no jeito dela ser, e como ela me contava tudo aquilo. Porque parecia um enfrentamento mesmo, quase que em tom de batalha diária, situação a situação. Isso acontecia quando ela conseguia sair do falatório decorado, decorado de boa aparência, de boa adequação, enfeitado de "normalidade", que nem sempre combinavam com ela. Quando ela se despia desses ornamentos, aparecia uma Monique sensível e muito interessante. Mas aí, ela se sentia muito frágil.*

*Em muitas vezes eu me cansava durante o atendimento, mas sempre em algum momento da sessão era como se eu me conectasse profundamente com as questões dela e sentia junto a sua aflição. Seu sofrimento e sentido do que me dizia ficavam à flor da pele. Quando isso acontecia, eu me sensibilizava profundamente e me sentia muito perto dela. Suas falas me eram tão claras que eu quase podia vê-las. Alguns desses momentos era quando ela despertava em mim um lado militante pelos grupos minoritários, acendia a resistência contra a dominância social em ditar regras normalizadoras e modos de pertença pelo padronizado, pelo o que cabe na expectativa do que é "certo", do que é "adequado". Mas ela sofria justamente por não conseguir estar com os outros, na vida lá fora; ela queria pertencer e ser incluída, queria ser adequada sem se descaracterizar. Que desafio! As diferenças não só não são acolhidas como são repelidas. Concordo que as características mais originais intimidam, o novo ou o muito diferente não pode aparecer. Como é estar face ao estranho? Parece que é muito ameaçador entrar em contato com o diferente. Isso é muito triste. Eu a acompanhava em seu devir.*

*Eu percebia nela a necessidade de uma referência de mundo, como um olhar de fora para ajudá-la a se notar. Mas oferecer-lhe tal referência não seria enquadrá-la em um "jeito certo de se estar no mundo"? Levei essas reflexões para a supervisão e também conversei*

*sobre isso com as 'Piras'*[22] *e, entendemos que não se tratava de sugerir a 'minha referência de mundo', percebemos que eu a ajudava a interpretar as orientações do mundo em que vivemos, que nos vem ao encontro incondicionalmente. A partir do mundo dela, no meu horizonte de referências, era o mundo de Monique que se destacava.*

*Eu mantinha especial atenção sobre o aspecto de Monique poder se sentir pertencente ao mundo e ser incluída na sociedade, principalmente por me suscitar temas de exclusão como a luta antimanicomial; ela com um diagnóstico psiquiátrico vinda do CAPS. Ela que era a inadequada, a que incomodava, que não sabia se portar em um grupo. Ora me via querendo estar perto de Monique, ora sentia um cansaço profundo em estar ao seu lado, a ponto de sentir muito sono durante seu atendimento e querer encerrar a sessão mais cedo, embora nunca o fizera; a ponto de lembrar por que fiquei na dúvida se a atenderia no consultório; a ponto de entender por que sua mãe se trancava no quarto isolando-se dela. Imagino como devia ser exaustivo para as pessoas que conviviam com ela. Ela me demandava muito, e imagino que dos outros também.*

*Invariavelmente, ela começava a sessão falando as mesmas coisas, falava alto e muito rápido, como se precisasse correr para conseguir falar tudo de sua vida naquela sessão: falava dos planos que tinha feito, do que vai estudar na pós-graduação, da religião, que o foco agora era cuidar de sua saúde…*

"Falar muito sobre alguma coisa não assegura em nada uma compreensão maior. Ao contrário, as falas prolixas encobrem e emprestam ao que se compreendeu uma clareza aparente, ou seja, a incompreensão da trivialidade" (HEIDEGGER, 2008, p. 228).

*Levava algum tempo inicial até ela se despir desse discurso pronto que ela trazia para aparecer algo mais próprio. E ali, eu percebia a dificuldade dela de estar no mundo, de as pessoas manterem a paciência para escutá-la. Monique tinha muita pressa, eu entendia que ela precisava repetir essas coisas para si para assegurar o controle e destino de sua vida. Ela via o tempo passando e queria realizar tudo de uma vez para garantir que daria tempo. Isso era uma fonte de angústia e de desorganização. O passar do tempo. Heidegger fala da angústia face ao ter que cuidar da nossa indeterminação lançada como ser-para-a-morte.*

---

[22] As "Piras" são um grupo formado por mim, Natália Vidal e Valéria Lisondo, também psicólogas, amigas, colegas de projetos e de vida. Encontramo-nos semanalmente desde 2010 para refletir sobre os desafios de nossa prática psi, "inter-visões" de atendimentos clínicos e espaço onde cabem nossos anseios e compartilhamento de afetos principalmente relacionados à prática do nosso ofício. "Piras" é um diminutivo figurativo de *Piracemas*, movimento do peixe contra a corrente para desovar vida na nascente do rio.

*Mas a urgência de Monique não a ajudava a construir sentido em sua vida; pelo contrário, parecia que a angústia lhe desorganizava os sentidos e, manter-se nessa nadidade suspensa parecia ser uma agonia enlouquecedora. Eu ouvia rupturas no seu discurso que falavam de projeto e de sonhos no meio de uma fala viciada. Percebia que essa fala viciada, de alguma forma, apontava algo que fazia sentido para ela. Mas era difícil sair de uma organização rígida e definida sem se desorganizar. Ela aparentava uma alegria frágil, uma aceleração encobridora.*

Heidegger diz que "Também o humor exacerbado pode aliviar o peso revelado pelo ser; mesmo essa possibilidade de humor revela, embora como alívio, o caráter de peso do Dasein" (2008, p. 193).

*Então, com a face aberta, os olhos alertas e a respiração alta, porém curta, ela me dizia como planejava perfeitamente bem sua vida:*

*"... Passei horas nesse final de semana planejando minha vida até os 42 anos, vou fazer uma pós-graduação em filosofia, imagina, que sonho fazer filosofia na PUC! e poder trabalhar a filosofia com a educação, eu poderia dar aula para as crianças, mas também tem a arte, será que eu consigo unir tudo isso junto? e como seria? teria que ser com crianças menores porque eu não me dou bem com os mais grandinhos, mas o importante agora é eu cuidar da minha saúde, ir na academia 3x na semana, fazer um yoga. Vai dar tudo certo, não vai? já está dando, a Federação espírita tem me ajudado muito com os passes que eu recebo e o tratamento que faço lá aos sábados e graças às rezas que eu faço no final do dia já está tudo caminhando bem, eu encontrei um livro na biblioteca que mudou minha vida, fala de Chico Xavier, eu tenho que meditar todos os dias no pôr do sol…".*

Para Heidegger,

> o maníaco que é impulsionado de uma coisa para outra, de modo incoerente, quer devorar tudo. O Dasein só existe nesse apoderar-se. Não é um deixar-se tragar, mas um arrancar e puxar para si. O maníaco também ultrapassa o anteceder-se-a-si-mesmo, uma vez que não reflete sobre aquilo que ele mesmo pode ser. Por isso o anteceder-se-a-si-mesmo é impróprio. O impróprio tem sempre a aparência do próprio. Por isso, o maníaco pensa ser agora ele próprio ou si mesmo. (2008, p. 212)

*Nesse "ser tragada" por aquele redemoinho de Monique eu de repente me descolava tonta e perdia o fio de sua fala. Era como se eu ficasse surda ou protegidamente encapsulada*

*por uma película transparente, ecoando apenas os meus pensamentos "…* nã, nã, nada, nada…do que eu pensava encontrar…*" e me via cantarolando a música do Gil na cabeça: que 'para falar com Deus era preciso calar a voz e aceitar a dor. Era preciso se ver tristonho, e subir aos céus sem cordas pra se segurar'*[23]*. Eu ficava absorvida pelo ritmo da música. Sem me dar conta eu me via naquela mesma afinação dos instrumentos, em uma frequência mais baixa, oposta à de Monique, como se eu precisasse me descolar dela para respirar, recuperar o fôlego e poder pensar sem ficar capturada com tudo aquilo que ela despejava e tragava. Eu precisava dar um passo para trás; a voz do Gil como que em eco reverberando a imensidão, como se ele falasse de longe mas tocasse perto, estando em algum lugar que não se podia ver, mas estava presente; o coro angelical… aquilo sim me trazia uma sensação de experiência religiosa. O simples ritmo já me levava para um outro estado, quase que para um outro lugar…*

*Então eu voltava a estar com Monique, já em outra tonalidade. E aí eu trazia a metáfora da planta. No tom mais calmo e mais lento, embalada pelo ritmo da música. Minha fala saía sem pressa. O meu modo era como um convite a experimentar outra frequência para abrir espaço. Uma confrontação direta ao que ela me dizia não conseguiria penetrar aquele muro da impessoalidade justificado pela razão. Então lhe disse:*

*"Você sabe, a planta tem o seu tempo para crescer, não há como acelerar o processo. O que podemos fazer é dar condições para ela se desenvolver, cuidar dela oferecendo água, sol e nutrientes. Mas não podemos fazer ela crescer mais rápido, cada planta tem seu tempo de amadurecimento até brotarem primeiro suas flores e depois os frutos, se é que é uma árvore de frutos." Monique me ouvia e ia recostando na poltrona, sua respiração se tornava mais larga, seu corpo relaxava e se assentava em si; ela desacelerava e rompia o circuito precipitado. Acalmava-se e permitia o silêncio chegar por um momento. Abria espaço para pensar e verdadeiramente refletir. Nesses momentos percebia que Monique se abria para ouvir, e não só identificar sons como ditos inacessíveis.*

"Silenciar em sentido próprio só é possível numa fala autêntica. Para poder silenciar, Dasein deve ter algo a dizer, isto é, deve dispor de uma abertura própria e rica de si mesma. Pois só então o estar em silêncio se revela e, assim, abafa a 'falação'". (HEIDEGGER, 2008, p. 228).

---

[23] Música "Se eu quiser falar com Deus", de Gilberto Gil.

*Acontecimentos como esse ajudavam-na a sair da mania pelo automatismo da fala imprópria, cansativa, inadequada.*

Quando nos encontramos verdadeiramente com o outro, no modo da preocupação, estamos já sempre de um modo afinado com o outro. Isso significa dizer que somos afetados pelo humor que o outro se encontra, e é nesse humor que caracteriza o modo como estamos juntos: "ele nos traz para o interior do modo no qual se encontra, sem que nós mesmos precisemos necessariamente já estar (…)" (HEIDEGGER *apud,* CASANOVA, 2009, P. 110), naquele humor vigente.

*Monique olhava séria e fundo para mim e para ela, quase não piscava. A boca entreaberta sem precisar dela sair palavras. Da mesma forma como outrora ela me embebia, cansada, com sua agitação, eu a contaminava em uma atmosfera que a tudo envolvia naquela sala.* A explicação para tal fenômeno "chega sempre tarde demais e não dá conta da amplitude com que se dá a tonalidade afetiva." (CASANOVA, 2009, p. 111). *Depois de uma breve pausa, já em uma toada mais lenta e calma, Monique diz:*

*"É verdade. Que bonito isso das plantas. E eu estou cumprindo as etapas né? Tô indo na faculdade e no estágio. Eu tenho que esperar né?"*

*"Sim, Monique", eu lhe atestava a realidade, "Tudo o que você precisa fazer nesse momento você já está fazendo. E está fazendo bem, frequentando a faculdade, tirando boas notas, indo ao estágio…"*

*Ela me ouvia. Ali comigo, ela experimentava pertencer; embora em muitos momentos me fosse difícil, eu a aceitava como ela era, ela já não era excluída-minoria. Sua originalidade excêntrica e por demais autêntica cabia em mim, podia ser recebida e reconhecida como mais uma. Parecia que lhe faltava um pouco mais de 'como são os outros lá fora'. Existe uma lida factual com o dia-a-dia que nos convoca para darmos conta. Assim Monique também se sentia convocada, mas não sabia como atender, ou ela queria tanto 'ser como são os outros' que tentava atender a essas convocações da forma padrão, ou atropelada. "A vida tá aí" dizia ela mostrando não estar alheia a tudo isso. Diferente seria se ela não se importasse com nada dessa realidade externa compartilhada. Mas ela se importava e, assim, eu me importava também. Ela queria, nas palavras dela, ter uma vida de "gente comum", ela se sentia constrangida e sofria.*

*O encontro com Monique me colocava, quase sempre, em uma atitude mais ativa comparada com como eu me colocava com os meus outros clientes. Para cada cliente também sou única, cada um deles me faz ser de um jeito e a cada vez, também. Parecia que a luta dela era maior, mais solitária, existiam menos pares com quem ela se identificava. Ela era o lado frágil. A lembrança constante de Heidegger também me faz pensar em seu revés ôntico, grosseiro, mas na licença poética: os outros, em sua maioria, eram aqueles dos quais ela se "distinguia". Ao lembrar do autor também resgato um trecho bastante difundido onde ele se refere à psicologia:*

> Exercemos a psicologia, a sociologia, a psicoterapia para ajudar as pessoas a alcançar a adaptação e a liberdade no sentido mais amplo. (…) todas as perturbações sociológicas e da saúde do indivíduo são perturbações da adaptação e da liberdade. (HEIDEGGER, 2009, p. 194)

*Monique apresentava muitas questões sobre a relação com os pais. Dizia o quanto era importante para ela poder ser independente, mas ainda precisava da ajuda deles, e se dizia muito grata por receber essa ajuda. Mas também apareciam contradições:*

*"Eu acho que minha mãe não acredita em mim. Ela me desestimula, ela acha que eu não vou conseguir fazer as coisas e ter uma vida normal. Ela nem me aceitou no Facebook."*

*Observo que ela tem a mesma entonação para falar dos assuntos mais banais aos mais dramáticos. Estar aberto à escuta é também ouvir o tom, o modo de dizer, a modulação da voz.*

"Mesmo isso só é possível dentro de uma compreensão prévia daquilo sobre que se fala, pois somente assim subsiste a possibilidade de avaliar o modo de dizer no tocante à sua adequação ao tema sobre o qual se fala" (HEIDEGGER, 2008, p. 227).

*Monique falava de um drama a partir de um exemplo que poderia ser banal, mas não era: ser aceita em uma rede social. Ou ser reconhecida como filha no socialmente compartilhado.*

*"E o que você entendeu por ela não te aceitar no Facebook?", perguntei para dar espaço para ela falar do lado difícil da relação com a mãe, e esclarecer o sentido de ela ter dito aquilo.*

*"Que ela pode ficar exposta", respondeu Monique.*

*“Como assim?”, insisto, desconfiando da “vaguidão” de sua resposta. "Ficar exposta" já dizia muita coisa sem dizer. Talvez estivesse entrando por um lugar espinhoso onde ela evitaria entrar naquela hora.*

*“Que eu posto coisas como ‘Haddad é um bom prefeito’ e ela é uma funcionária pública, pega mal ter isso na página dela”.*

*Como ela é esperta! Estávamos em um cume onde ela poderia dobrar ou seguir adentrando a rejeição social sofrida pela mãe. Ela saiu, e se saiu muito bem.*

*“Entendi”, respondo, e me calo.*

*A relação com a mãe sempre despontava em outros momentos e entendi que eu deveria aguardar. Não um aguardar como espera passiva ou com expectativa de que algo aconteça, mas o aguardar na paciência, na serenidade, sabendo que as coisas têm seu tempo para amadurecer e acontecer. Não cabe a mim decidir o que é importante falar nem quando. Não cabe a mim forçar um assunto que ela não queira. Ou que talvez ela não possa entrar.*

*Em outra sessão ela disse: “Acho que no fundo minha mãe não quer que eu seja independente. Ela quer que eu fique no controle dela, ela corta as minhas asas.” Sabia que era um tema difícil e a deixei falar… não intervi, aguardei pacientemente. Monique continuou:*

*“Eu não posso deixar que isso aconteça porque eu não vou poder contar com ela pra sempre. Hoje ela me ajuda, mas vai ter um dia em que ela não vai mais estar.”, ela dizia novamente de sua preocupação com o futuro, “Então eu preciso programar a minha vida. Mandei um e-mail para uma pedagoga referência da escola Waldorf falando das minhas inquietações no mundo da educação e que tem afinidade com a essa filosofia e também com a religião da Rosa Cruz e o espiritismo. Perguntei pra ela como eu poderia articular todas essas referências com a arte e educação. Ela ainda não me respondeu. Mas eu estou preocupada com essa questão, eu não vou passar em um concurso público e dar aula em escola tradicional. Eu não vou conseguir”, eu não tinha entendido se ela não se via capaz de passar no concurso ou não se via em condições de dar aula. Mas ela falava em um encadeamento de ideias que eu não consegui interromper para perguntar nada a respeito. Era um falar rápido, mas diferente de outros momentos de falatório, aquela fala me parecia própria e consistente de um jeito reflexivo, eloquente porque parecia ser algo que ela realmente acreditava e dizia respeito às coisas que lhe faziam sentido. Eu a acompanhei no*

*que continuou… "Eu tenho que estar em outro lugar porque a escola tradicional não desenvolve as potencialidades das crianças, pelo contrário, elas são podadas. Eu observo tudo isso lá no meu estágio…", e eu ali atenta em cada palavra articulada, as tramas de significado, a entonação, a ordem. "…Elas chegam, sentam ainda naquelas carteiras quadradas, e tem que copiar exatamente tudo o que a professora coloca na lousa, e só. É um modelo cartesiano, como dizem. E eu não acho que tem que ser assim, eu não aguentaria estar numa escola assim! Mas eu ainda não sei onde é que eu devo estar então.", ela abria o futuro como dúvida e possibilidade, não mais como certeza dada, "Porque eu pensei em fazer uma pós-graduação em arte educação, mas eu também posso fazer um mestrado em filosofia porque isso pode me ajudar a pensar a educação", e eu ali com ela, escutando cuidadosamente, sentindo sua angústia em ter que cuidar de si e de sua vida, ponderando com coerência as necessidades e sonhos que se apresentavam… "Mas agora eu acho que devo tentar outros estágios e passar por outras escolas porque é pela minha experiência que eu vou saber por onde devo ir. Nossa, você está me ajudando a pensar tudo isso, você está me fazendo essas coisas virem para mim agora!"*

*Eu não tinha falado uma palavra em meia hora, mas estava admirada com toda aquela construção que ela fizera: "isso mesmo, é pela experiência que você vai poder saber". Sentia satisfação em poder ajudá-la.*

Em uma aula sobre *A magia das palavras em Florensky*[24], com o professor Lubomir Zak, lembro dele ter citado a frase: "é você quem coloca sob meus lábios a palavra". Nesse sentido entendo como se a palavra fosse um acontecimento de alguém em direção a outrem, como se a palavra ali dita fosse o próprio acontecimento da e na relação. Não seria, então, a palavra um evento que, sozinha, não é evento nenhum? Justamente por poder ser de todos, até mesmo do dicionário, ou de ninguém. Mas dita por aquele que a pronuncia e escutada por seu ouvinte, empodera-a como fonte de revelação de sentido e encaminhamento verdadeiro de seu ser, a manifestar-se na ponte (ou vínculo) estabelecido entre as margens: no espaço entre as margens navega qualquer coisa que caiba no tamanho dessa abertura e se revele em mostração, e por isso, discurso, e por isso, também, palavra.

---

[24] Disciplina "A Magia da Palavra. Caminhos Interligados na Filosofia da Linguagem, Antropologia e Psicologia em Pavel. A. Florenskij" organizada pelo professor Gilberto Safra pelo Instituto de Psicologia da USP, de 13 a 15/08/2015.

"A escuta é constitutiva da fala. E, assim como a articulação verbal está fundada na fala, assim também a percepção acústica funda-se na escuta. Escutar é o estar aberto existencial do Dasein enquanto ser-com os outros." (HEIDEGGER, 2008, p. 226).

Imagino a pobreza de uma vida solitária, onde a palavra morre sem encontrar um destino, ou ainda, onde faltam as palavras e sobram a brutalidade dos atos e a violência. Ainda bem que na terapia Monique tinha um lugar para dizer aquelas coisas todas.

A palavra é mostração de mundo que, para o outro, até então, permanecia oculto. É ela que permite ir ao encontro do outro, organiza o gesto, dá compreensibilidade e garante que a mensagem nos chegue. Sem ela, teríamos a brutalidade (em sua forma bruta, não lapidada) dos gestos. Assim como diz Morato:

> A ação clínica busca pela fala tornar o outro um narrador de si mesmo pela escuta atenta e de um dizer "afetadamente" encarnado do psicólogo ao outro, agora ouvinte. Transitando pela escuta e fala, **a ação cartográfica clínica** possibilita ao outro transitar por sua história, e encaminhar-se responsavelmente para o seu próprio cuidar de ser.
> De qualquer forma, nesse percurso, a linguagem surge como fundante para a experiência. Para Heidegger (1989) e Gadamer (1997), o ato de nomear pode instalar o ente na clareira do ser e abrir para ele o que aparece como imprecisão e inquietação, já que, originalmente, dizer significa mostrar. (MORATO, 2015, p. 215)

Nesse caminho, a "palavra não é outra coisa senão a manifestação do ser vivente no seu direcionar-se a outro diferente de si".[25]

Muito do que as pessoas são, como agem, do que gostam, o que lhes faz sentido, está oculto para elas mesmas. Há casos em que isso ocorre por desatenção, ou pela não preocupação em acessar tais informações. Pode-se dizer que, em alguma medida, esses fenômenos decorrem da influência dos modos de vida da nossa época, no imperativo da técnica e da tecnologia vividos cotidianamente. Critelli afirma que a autopercepção é "tarefa das mais difíceis" (2014, p. 73). Segue a autora dizendo que, em contrapartida observamo-nos no contato íntimo com nossas sensações, desejos e motivações, e que tal observação "é um ponto de acesso que temos de nós mesmos mas é vedado ao outro a menos que falemos deles e os revelemos. Apenas através do discurso (…) podem se tornar acessíveis ao outro"[26], e em

---

[25] Idem.

[26] Idem.

outros casos, para a própria pessoa que fala. “Esses relatos cotidianos revelam o poder das palavras e definem o lugar onde o sentido do viver se apresenta e se impõe” (CRITELLI, 2014, p. 45).

Sobre o falar um com o outro, Heidegger afirma ser o "mostrar um para o outro alguma coisa e confiar-se mutuamente ao que se mostra. (HEIDEGGER, 2012, p. 202).

O falar, para Monique, se revelava uma via potente de acontecimento.

*E então Monique continua: ”E agora que eu já tenho o contato dessa pedagoga da escola Waldorf eu posso fazer um trabalho voluntário lá porque aí…”*

*“Voluntário?”, interrompo como uma reação involuntária. Isso me saltou aos ouvidos: de novo ela insistia em planejar sua vida profissional em trabalhos não remunerados. Embora ela enfrentasse dificuldades sociais, era uma garota inteligente, estava indo bem na faculdade e ansiava por ter dinheiro para viabilizar alguns desejos, se tornar independente dos pais. Que sentido tinha insistir em pensar em um trabalho voluntário? Por que ela não podia se imaginar sendo remunerada pelo trabalho que poderia fazer? Eu acreditava no potencial dela. Mas antes de acreditar ser um projeto realizável, preocupava-me a sua capacidade de sonhar. Será que o terapeuta, em algumas situações, não precisa emprestar um pouco da sua esperança sobre o outro? Especialmente no caso dela, que eu percebia enfrentar uma luta maior que a maioria em geral enfrenta. Não me era óbvio o sentido de fazer um trabalho voluntário. O que será que a fazia hesitar?*

*"Por que voluntário?" , questionei eu.*

*“Hugf…”, Monique faz um gesto como se estivesse capturada na surpresa e na dúvida. “Eu não sei…”*

Um momento fundamental na psicoterapia é o surgimento da surpresa, pois leva-se como elemento revelador. Impregnados pelo modo do cotidiano ou pelo vício sobre o que achamos de nós mesmos, podemos ficar acostumados a pensar algo sobre nós que talvez já nem faça mais sentido. Nessa forma mediana de lidar com o mundo, o meio social nos oferece referências de como lidar com os acontecimentos sem que tenhamos que “pensar" ou refletir sobre eles. Como se, em certa medida, ficássemos acostumados a certas respostas ou opinião sem de fato nos atentarmos a elas, podendo isso acontecer inclusive sobre a opinião que temos sobre nós mesmos. É o que Critelli (2014) chama de um “acondicionamento” a partir de

experiências passadas, ou ideia vaga que se tem de si. É o ter se acostumado com esse modo e usá-lo de forma imprópria. (Critelli, p. 45).

Segundo Figueiredo (2013), a situação clínica é uma ferramenta para a quebra desse discurso viciado. Oferecer condições de escuta já é uma mudança catastrófica, pois a instalação da situação clínica implica em cultivar o inesperado e em romper com ideias transcorridas, concatenadas, ou seja, é uma ruptura com o modo convencional da conversa cotidiana. É o lugar que oferece condições para o aparecimento do inaugural. A partir daí podem se dar transformações radicais na forma do sujeito se relacionar consigo e consequentemente com o mundo (relato verbal)[27]. Essa é uma noção da clínica que acho realmente valiosa.

*"Curioso isso, você não acha? Todas as vezes que você se refere a um trabalho fala em fazê-lo voluntariamente.", continuei.*

*Monique ri como se tivesse tido uma revelação surpreendente sobre si, "'É verdade!"*

*"Por que não ser remunerada pelo trabalho que você faz?", perguntei.*

*"Acho que isso tem a ver com a minha mãe."*

*"É mesmo?", falei como uma expressão para incentivá-la a continuar seu raciocínio.*

*"Ela não acredita que eu vou conseguir ter um trabalho."*

*"E você acredita?" , perguntei a ela também na oportunidade dela se ver distinta do projeto da mãe.*

*"Acredito! Mas não sei se vão me aceitar.*

*"Mas se você insistir em não receber pelo trabalho que você faz você se mantém dependente da sua mãe. Será que você não está reforçando o que você diz que ela tem feito com você?" , sabia que essa era uma colocação diretiva, que podia induzir a decisão dela de como cuidar da própria vida. Mas a minha fala estava mais na direção de provocar o desvelamento do seu sentido, não em incentivá-la a buscar um trabalho remunerado.*

*"É verdade. Faz sentido. Eu nunca tinha pensado sobre isso… Nossa, é verdade mesmo."*

*Já estávamos no horário de terminar a sessão e então encerramos.*

---

[27] Informação fornecida pelo Prof. Luís Claudio Figueiredo em palestra da Sociedade Brasileira de Psicanálise, em 2013. Acessível em https://www.youtube.com/watch?v=U87JX4D7gZ4

*Eu fui entendendo que nós, no encontro terapêutico, éramos a ruptura. Ou como diz* Figueiredo, (1994, p. 153) *fazíamos do nosso encontro um* "acontecimento como que uma fenda que se introduz no possível (no 'mundo da realidade'); nesta medida ele é um mais além do possível".

*Também pude compreender que eu era uma força de amparo e aposta em Monique. Não porque eu* ***deveria*** *fazer isso, mas porque eu realmente acreditava nisso, e porque era para esse lugar que ela me chamava. Parecia que eu era a única pessoa que a incentivava a buscar um lugar para si. Eu não dizia isso diretamente em palavras, mas de algum modo ela sabia que eu acreditava nela, porque eu honestamente acreditava, essa era a verdade. Independente de ela conseguir chegar onde planejava ou não. Lembro de um texto que li sobre Acompanhamento Terapêutico que dizia que o importante era acompanhar e sustentar com seu cliente os projetos que ele tinha, não importando se ia conquistá-los ou não. "A força do caminho" tanto dita pelo supervisor. Ou como no caminho para Ítaca, de Constantino Kavafis*[28].

*A "bipolaridade" de Monique aparecia e desaparecia em vários momentos. Algumas coisas me faziam lembrar da psicanálise, como a relação dela com a mãe, mas o que se manifestava para mim como bipolar era a oscilação dela entre um polo ingênuo, como ela mesma se referiu, e outro polo maduro e coerente, como seu posicionamento sobre pedagogia e educação; o despertar em mim a vontade de aproximar e depois distanciar.*

Para Heidegger, o conceito de doença reside em uma existência enrijecida e restrita, na qual a sua liberdade está prejudicada por estar fixada em uma única (ou limitada) maneira de ser ou de fazer algo. É como se houvesse um encurtamento existencial obturado por poucas opções de caminho, pouca mobilidade, pouca chance de se fazer diferente. A pessoa se vê reduzida a um único modo de ser, trazendo dificuldades para enfrentar as diversas situações que a vida lhe impõe, ou ainda, dificuldade de sair de um circuito problemático ou de se repetir em projetos prejudiciais para si. "Mas esta privação não significa que a abertura

---

[28] O Poema "Ítaca" de Kavafis refere-se ao caminhar cheio de surpresas e riquezas que se atravessa para chegar a Ítaca, iluminando a graça do percurso, e não a chegada propriamente ao destino. Seus últimos versos são:
"Terás sempre Ítaca no teu espírito/ que lá chegar é o teu destino último./ Mas não te apresses nunca na viagem./ É melhor que ela dure muitos anos,/ que sejas velho já ao ancorar na ilha,/ rico do que foi teu pelo caminho,/
e sem esperar que Ítaca te dê riquezas./ Ítaca deu-te essa viagem esplêndida./ Sem Ítaca, não terias partido./
Mas Ítaca não tem mais nada para dar-te./ Por pobre que a descubras, Ítaca não te traiu./ Sábio como és agora, senhor de tanta experiência,/ terás compreendido o sentido de Ítaca."

desaparece, apenas ela é modificada para 'a pobreza do contato.'" (HEIDEGGER, 2009, p. 108). Nesses termos, parecia-me que Monique se mostrava restrita e adoecida quando tudo o que lhe chegava do mundo era recebido como hostilidade e desrespeito. Talvez ela permanecesse em uma disposição em que só fosse possível receber, compreender e interpretar o mundo e a ação das pessoas dessa forma. "O compreender está sempre afinado pelo humor." (HEIDEGGER, 2008. p. 202). Vou expor essa ideia com mais embasamento mais à frente.

É nesse sentido que a psicoterapia pode ser a chance da quebra desse circuito como oportunidade de algo novo poder ser inaugurado. Não se trata, então, simplesmente de fazer uma aposta no seu paciente, ou de torcer por ele; trata-se, principalmente de convidá-lo para um novo modo de cuidado, ajudando-o a abrir seu horizonte em perspectiva e destecer os nós que impediam projetos próprios de serem realizados. Antes disso, têm-se a chance de se descobrir quais são esses nós. A hesitação de Monique em ter um trabalho remunerado estava ancorada nas descrença da mãe? Mas também existia essa disposição ameaçada que ela vivia diante do mundo… o que de amedrontado existia em Monique? Eu ainda não tinha essas questões esclarecidas.

Entende-se que o horizonte de sentido de cada pessoa não é fixo, justamente por não existir uma base de fundamentação onde o sujeito se apoie definitivamente, mas ele pode estar em compasso de fechamento diante dos significados das coisas que lhe vêm ao encontro. Concordo com Heidegger, com essa noção de adoecimento. Podia existir alguma coisa muito significativa para Monique que a paralisava e não a permitia seguir.

*Até que tempos depois algumas questões se esclareceram.*

*Foram conversas que tivemos na sessão da semana passada, mas eu não consigo me lembrar como iniciamos o assunto. Falávamos sobre trabalho e lembrei, da época do CAPS, que Monique já havia tido algumas experiências profissionais. Então, na intenção de saber como foram aquelas experiências para ela, perguntei: "Você já trabalhou antes, né? Como foram essas experiências?"*

*"Já trabalhei sim. Mas eu era muito imatura, eu não via que as pessoas tinham maldade. Eu trabalhei na recepção de uma academia e uma pessoa me chamava de 'porca gorda'. Eu não estava bem naquela época, estava meio dopada pelos remédios. As minhas colegas até me defendiam e falavam que não podiam me tratar assim. Era horrível."*

*"Isso é horrível mesmo! Essa pessoa falou assim? Porca gorda?", senti necessidade de confirmar se essas foram as palavras dirigidas a ela. Me parecia importante discriminar. Senti uma repulsa terrível por quem pudesse dirigir tais palavras a alguém.*

*"Sim, ela falou assim mesmo. Foi horrível. Aí já logo eu saí desse emprego e fui trabalhar na recepção de um apart hotel. Tinham aqueles quartos montados para receber pessoas de passagem, eu fui num desses uma vez que um cliente me levou. Não foi legal, mas também não foi tão ruim. A gente manteve contato depois de um tempo, mas cada um seguiu na sua. Eu não tinha entendido na hora quais eram as intenções dele. Eu até tomei pílula do dia seguinte, mas não tinha como eu estar grávida, porque foi só uma vez."*

*Era dessa ingenuidade a que ela se referia. Sem entender o que acontecia, quais eram as intenções das pessoas ela ficava exposta a situações que talvez ela não quisesse estar. Vulnerável, sem saber como se proteger.*

*"Teve também uma vez que fui ser operadora de telemarketing. Nossa, foi muito assustador, não entendo como podem tratar as pessoas com tanta crueldade. Eram condições de trabalho desumano. Tratavam a gente como se fosse gado. Eu não fiquei uma semana lá. Pedi demissão."*

*Começa a aparecer o sentido de Monique hesitar ao trabalho. Era quando ela fica exposta ao mundo, e ao contato com as pessoas, suscetível às situações pelas quais ela não gostaria de passar, sem saber se proteger, sem conseguir avaliar os riscos os quais estava sendo conduzida. Consegui falar essa minha interpretação a ela. Também disse que fazia muito sentido ela agora escolher trabalhar como educadora com crianças, por parecer ser menos ameaçador.*

*Eu a ouvia e entendia sua hesitação em se lançar nos riscos do contato com o outro, no mundo afora. O que eu via era Monique, uma pessoa muito aberta, tão aberta que tudo lhe chegava sem filtro, tudo lhe vinha com muita intensidade e sensibilidade. Ela precisava ativamente se fechar para se proteger, para não enlouquecer. Mas não sabia ajustar a medida entre o fechar demais a ponto de restringir-se e prejudicar sua liberdade, versus o estar aberta no mundo com tamanha amplidão, estando no risco de ser penetrada por qualquer coisa que lhe chegasse. Eu entendia seu medo e que isso podia ser muito perigoso para ela. Vejo como se ela não tivesse aquela lente de câmera fotográfica que se pode regular a abertura do que é captável do mundo, da justa medida do que permite algumas coisas serem*

*incluídas na foto estabelecendo um limite. A lente ficava toda aberta. Trezentos e sessenta graus de angulação. Cabendo céu e terra. De um polo ao outro. Às vezes parece que quando os sentidos se mostram para mim eu os vejo por imagens. "Deixar e fazer ver."*

*Monique e eu íamos poder continuar nos encontrando e continuar cuidando dessas questões que se apresentavam.*

Tudo isso só pode se dar porque ela confiava em mim e eu pude estar para ela em uma escuta atenta e de cuidado.

Nessa situação de confiança e intimidade pode acontecer o encontro. Mas o que é o encontro, afinal? Pode-se dizer que é o contato entre duas pessoas? É estar presente no mesmo ambiente que outro e notá-lo? Posso tentar descrevê-lo com rigor e meditar a respeito, mas não é isso que vai me dar o fenômeno do encontro. Como dizer daquilo que não é da ordem do dizível? Há algo que não é da ordem do dizível?

O encontro a que me refiro é antes um *acontecimento*, aquele algo especial de caráter único, que nos provoca uma transformação silenciosa quando nos percebemos diferentes sem saber ao certo como nem onde. O acontecimento do encontro, quando se dá no caráter de encontro e não como algo simplesmente dado ou "perto de", mobiliza aspectos desconhecidos ou pouco familiares a nós mesmos e ao outro, como se, nesse vínculo provido de confiança, houvesse a serenidade para abrir passagem, a se adentrar espaços desertos e poder desvelar o que pouco conhecíamos do que permanecia oculto, e aí poder aparecer a perplexidade. A perplexidade não pelo horror do que se testemunha, "mas pela originalidade de ser de cada um, pelo encaminhamento que cada um faz de si mesmo (informação oral)[29]".

"Um acontecimento é, de início, uma ruptura na trama das representações e das rotinas; em outras palavras, de início o acontecimento é uma quebra dos dispositivos de construção e manutenção do 'tecido de realidade'" (FIGUEIREDO, 1994, p. 151-152). Desse modo, um acontecimento efetua uma atividade analítica no sentido mais antigo da palavra *analysen*[3] trazida por Heidegger em Homero: destecer uma trama. Aproveitando essas imagens, é como dizer que um acontecimento é uma atividade analítica como o destecer de uma costura já esgarçada ou endurecida para se liberar para outras costuras e composições. O acontecimento é um evento disruptor, que se abre como própria fenda dessa destruição em abertura alargada

---

[29] Informação fornecida por Nichan Dichtchekenian em São Paulo, em 2015.

[30] "Significa aqui o desfazer de uma trama. (…) Em grego, significa também soltar, por exemplo, soltar as algemas de um preso, libertar alguém da prisão." (HEIDEGGER, 2009, p. 152).

e fértil para a realização de novas possibilidades, para o inaugural; o acontecimento "destroça mundo e funda mundo, estando suspenso *entre* mundos (…) delimitando um novo campo para outras *ultrapassagens acontecimentais.*" (FIGUEIREDO, 1994, p. 151-152).

A psicoterapia é um processo singular não simplesmente por se tratar de uma pessoa exclusiva, jamais igual a qualquer outra pessoa, com uma história única e modo de ser peculiar no mundo. Ela é singular principalmente por ser exclusivo o encontro da dupla cliente-terapeuta: aquele terapeuta com aquele cliente. A relação que se constrói no vínculo de confiança é o que possibilita que a psicoterapia aconteça **no** e **pelo** encontro.

> Este, explica o psiquiatra [Binswanger], só é psicoterapêutico pois acontece no contexto de relação médico-paciente, isto é, amparado pela confiança depositada no médico pelo paciente. Tal confiança é "condição *sine qua non* de todo ato psicoterapêutico" (EVANGELISTA, 2015, p. 115)

Cada modo de presença dos participantes afetará ambos os protagonistas da psicoterapia, e mais, a psicoterapia só se fará como acontecimento se os protagonistas forem afetados no modo da presença do outro. Tanto o cliente quanto o psicoterapeuta serão atravessados pelos acontecimentos imbricados dessa relação. Somente assim poderá existir um diálogo que converse com os sentidos do que é falado na sessão. Já somos sempre afetados pelo outro, ser-com. Na psicoterapia o modo de presença do terapeuta, que mantém no horizonte a costura da confiança, pretende inaugurar um diálogo terapêutico. Ontologicamente/fundamentalmente somos sempre afetados pelo outro, mas a psicoterapia é ocasião especial de afetação. O terapeuta cria ativa e intencionalmente um campo de encontro genuíno e honesto com seu cliente.

Todos nós já somos sempre um ser-no-mundo-com-os-outros. Já foi comentado que essa condição existencial é o que nos oferece uma referência uníssona de mundo e nos abriga na familiaridade de um lugar conhecido. "Da mesma maneira, também de início, não é dado um eu isolado sem os outros." (HEIDEGGER, 2008, p. 172). É isso o que nos permite habitar o mundo e pertencer a um todo organizado na sociedade; que nos permite compreender o mundo como mundo e nos relacionarmos com ele e a tudo o que nos chega. Da mesma forma, os outros não são o completamente estranho a nós, nem o absolutamente diferente.

> Para evitar esse mal-entendido, é preciso atentar em que sentido se fala aqui dos 'outros'. Os outros não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está. (…) O 'com' é uma determinação do Dasein (HEIDEGGER, 2008, p. 174).

Nem sempre temos a sorte de poder experienciar essa qualidade de encontro. Embora o psicoterapeuta se prepare para receber seu cliente, algo pode acontecer (ou não acontecer) atrapalhando, e até mesmo inviabilizando o vínculo relacional. Ou seja, por mais que exista uma intenção legítima do psicoterapeuta, isso não é garantia para dar condições para um processo psicoterapêutico prosperar. Há sempre algo que nos escapa. Vejamos o que ocorreu no meu (des)encontro com a Sra. Lindy.

***SRA. LINDY***

*Estava difícil continuar atendendo a Sra. Lindy. Depois de dois meses que começaram os atendimentos ela ainda não me despertava nenhum sentimento positivo em relação a ela. Durante muitas sessões ela veio ao meu encontro e se queixou da vida, chorava um choro frio, um choro forçado que não me sensibilizava. Sentia que ela não queria sair da condição em que ela estava, queria apenas despejar suas lamúrias para alguém consolá-la e lhe ter piedade. Em algumas sessões, ela chegou a falar que talvez devesse mudar de terapeuta, mas tinha medo de "trocar seis por meia dúzia". Era evidente que aquilo era um ataque a mim, mas também dizia do modo dela se relacionar com as coisas da vida dela: semana a semana dizia estar insatisfeita com o trabalho, queixava-se, mas não procurava um novo serviço. Relatava grande descontentamento com o namorado há tanto tempo, dizia que não se sentia valorizada, que não gostava mais dele, e de novo não fazia nada para mudar. O mesmo ocorria com a terapia: mostrava seu incômodo com a nossa relação, e acho até que percebia que ela me despertava impaciência, mas não tomava para si a responsabilidade de poder escolher outros caminhos mais próprios, optava em manter uma relação esvaziada ao invés de se lançar por algo que lhe fizesse mais sentido, que lhe fosse construtivo e não desertor por piedade e autocomiseração. Parecia que gostava de ficar na condição desfavorável,*

*queixando-se e se perpetuando na posição da 'coitada'. Comecei a notar que até a imagem dela me incomodava, ela era uma figura feia; eu mal conseguia olhar para ela. Estava claro para mim que eu não poderia continuar a atendê-la. Será que ela despertava a mesma sensação nas outras pessoas? Será que existia algum sentido em ela se manter até o limite nos lugares e papéis onde ela se sentia desvalorizada? Será que ela provocava no outro sua repulsão? Ou será que ela precisava se certificar que ela tinha vínculos capazes de suportá-la? Pensava em todas essas questões para me guiar em como fazer o encerramento do processo comigo da maneira mais cuidada possível. Eu precisava tomar cuidado para que não atualizasse uma situação paralisadora, ao contrário, poderia usar daquela situação para inaugurar algo de novo: então eu me empenhava para entender o sentido daquilo do que ela revelava para mim. Seriam essas as questões fundamentais de seu processo? Será que o sentido ia se apresentando para mim a partir do momento em que eu pudesse experienciar com ela tais aspectos de sua vida e vice-versa? Não só o que ela me dizia, mas o como ela me dizia, como ela ocupava a terapia, como eu me sentia em relação a ela, como eu a percebia. O que se experimenta na relação também é reveladora de sentido. Não apenas o que se fala. Acho que por isso eu chamava uma antiga analista minha de "atriz do método". Ela era uma excelente profissional e me fez compreender muitas coisas sobre mim pelo o que vivemos, e não só pelo o que falamos. Cheguei a pensar que ela forçava o acontecimento de algumas situações para podermos efetivamente experienciar na pele.*

*Essas questões tratam fundamentalmente de um acontecimento.*

*Até que um dia encontrei Sra. Lindy na sala de espera da instituição e troquei seu nome sem querer, confundi com o nome da mãe de um outro paciente que eu acabara de ver. Quando subimos para a sala de atendimento, ela, que parecia ressentida e magoada, me acusou de ter trocado seu nome na sala de espera. Como será que isso chegou a ela? Que eu não prestava atenção nela, ou que me era indiferente a ponto de trocar seu nome? Que ela me era indiferente? Assim eu provavelmente fazia; assim eu achava que ela fazia com ela mesma. Assim como eu provavelmente estava fazendo. Eu queria me encontrar com outra pessoa que não ela. Mas naquela situação eu ainda era a terapeuta dela, e cabia a mim prestar atenção a essas sensações que a sra. Lindy me causava, pegar tudo isso e recolher. Recolher para poder abrir espaço e oferecer um lugar de cuidado a ela, não a mim.*

*Aquele tropeço tinha exposto nossa relação no limite. Não existia em mim condições de continuar atendendo aquela senhora, o trabalho não poderia se dar mais. Parecia que eu estava enganando-a, não estava sendo sincera. Daquele jeito eu não conseguia trabalhar. Naquela hora constrangedora lembrei do conceito de 'enactment[31]' da psicanálise, o que me ajudou a organizar a minha experiência e me manter no registro da ética, na minha posição profissional.*

*Eu também não podia controlar a minha tonalidade afetiva na relação com ela. O humor é um estado que se dá, o qual não atende a nenhum controle voluntário.*

No entanto, embora não pudesse me desviar do meu humor, mas somente me desviar *nesse* humor, pensar sobre ele sem nenhuma pretensão de localizar o seu porquê e colocá-lo em palavras é poder me apropriar da afinação em que me encontro e estar atenta à minha ação a partir daí.

"À medida que nos apropriamos de nossa ação clínica a refletindo à luz da fenomenologia existencial de Heidegger, podemos ir mudando nossa abertura clínica, ou seja, nossa disposição, aproximando-nos mais a uma atitude de serenidade." (PRADO, 2013, p. 154).

*Dentro daquele acontecimento que se efetivara em uma ação, sabendo que eu não seguiria mais como sua terapeuta, não fazia mais parte do horizonte de cuidado oferecer a ela uma abertura para elaborar o sentido daquele meu equívoco. Continuei no registro da ação e acabei fazendo o que a Sra. Lindy não conseguiu fazer por ela mesma: disse que ia ouvir o desejo dela e encaminhá-la para uma nova terapeuta. Sra. Lindy hesitou, parecia surpreendida, quase a vi dando um passo para trás se recompondo, vi o movimento de seu corpo embora estivesse sentada. Fiquei firme nessa decisão e ressaltei que era importante reconhecer os incômodos e vontades, e ir em busca deles. Deixei claro não se tratar de um abandono, mas sim um cuidado para possibilitar a ela estar em uma relação que pudesse confiar, coisa que parecia não estar acontecendo ali comigo. Dizia isso por ela e por mim. De*

---

[31] Para a psicanálise, "O enactment pressupõe uma encenação – ou seja, ação no lugar de palavras – em que tanto o paciente quanto o analista tomam parte. (…) Entendo por *enactment* um fenômeno clínico que pode ocorrer na inter-relação entre paciente e analista, iniciado por qualquer dos partícipes, mas necessariamente envolvendo uma espécie de encenação inconsciente dos dois – do contrário será uma atuação – na qual ambos representam papéis inconscientemente interrelacionados e interdeterminados. No enactment alguns elementos são revelados enquanto outros são escondidos. Quando um *enactment* é percebido pelo analista, a análise obterá o que de mais precioso um *enactment* pode oferecer: compreensão dos mecanismos da dupla, dos mecanismos mentais do paciente e os do analista, o que implicará no desenvolvimento do processo." (Rocha, 2009). Cf. o trabalho "*Enactment: modelo para pensar o processo psicanalítico*" de Nelson José Nazaré Rocha.

*forma honesta e cuidada, quis manter aquele acontecimento em aberto, na sua incompletude, na esperança de algo novo poder se dar. Quando entendi o sentido desse meu posicionamento como algo que pudesse ser terapêutico, pude fazê-lo mais tranquilamente, mantendo recolhida a minha impaciência e desagrado em relação a ela.*

*Dois meses depois reencontrei Sra. Lindy por acaso na sala de espera aguardando ser atendida por sua nova terapeuta. Ela me olhou com um sorriso no rosto e disse que estava trabalhando agora em uma escola, que finalmente conseguira sair do emprego anterior do qual se via presa e insatisfeita.*

*Assim, o paciente que chega, não é garantia do estabelecimento de um vínculo. No caso em questão, acredito que o encaminhamento foi também um ato terapêutico. Aqui o incômodo é sentido e faz sentido dentro do que a paciente mostra nos encontros. Eu sustentei por ela, aquilo que ela ainda não podia fazer por ela mesma. Esse ato pareceu inaugurar, de alguma forma, a possibilidade de Lindy poder escolher ou não estar em um lugar que a incomoda.*

Estar intencionalmente disponível para receber o cliente, e criar todas as condições favoráveis para o trabalho não é condição garantida para o surgimento de um acontecimento no encontro cliente-terapeuta, embora algo sempre possa se dar. Nesse caso, o acontecimento se deu no nosso "não encontro".

> Intervir na sessão ou no processo demanda que em primeiro lugar possamos *estar com* o paciente. *Estar com* é o modo como estamos posicionados em comunidade de destino. Esse modo de estar é não só uma condição para o habitar humano, mas é em si uma intervenção, pois qualquer paciente, independente da situação existencial ou psíquica em que se encontre, é capaz de perceber se seu analista, de fato, está com ele. Se isso ocorrer, ele se sentirá diferentemente posicionado frente ao Outro. (SAFRA, 2004, p. 148).

O desconforto que sentia em estar com aquela paciente me impedia de intervir, pois eu estava absorvida pelo mal estar de estar com ela, e assim, achava que qualquer entrada minha poderia ser uma descarga da minha insatisfação. Eu não conseguia me ver falando alguma coisa a ela sem o tom do meu incômodo. Mais do que o conteúdo da minha fala, estava em pauta **o modo como eu o faria.** Disso eu não conseguiria me descolar. Nesse caso, uma ação só pode se dar quando ela escapou a mim sem que eu pudesse pensar ou evitar.

Há uma passagem de Heidegger falando sobre o humor onde ele diz que

> nunca nos tornamos senhores do humor sem humor, mas sempre a partir de um humor contrário. Obtivemos, pois, como primeiro caráter ontológico da disposição que: a disposição abre o Dasein em seu estar-lançado e, na maior parte das vezes e antes de tudo, segundo o modo de um desvio que se esquiva. (HEIDEGGER, 2008, p. 195)

Se não há como fugir do humor em que me encontro, até posso controlar em certo sentido o que eu falo, mas não o modo ou a forma de falar, pois já está desde sempre impregnada por ele.

Agora gostaria de trazer outros trechos de atendimento a uma outra cliente para retomar a questão do pagamento como uma variável que atravessa as questões do encontro na psicoterapia e possibilita um novo acontecimento. Trata-se do acompanhamento a uma garota de 23 anos, que aqui chamarei de Bruna.

***BRUNA***

*Foi combinado no contrato de Bruna que o seu pagamento seria feito em dinheiro ao final de cada sessão. Esse foi um pedido dela porque ela se organizaria melhor assim. Concordei. Era uma condição confortável para mim e, o importante, era o cumprimento do combinado que fosse estabelecido. Nenhum outro sentido aparecera até então para intervir nesse ponto.*

*Ao final de uma sessão Bruna tirou o dinheiro da bolsa e me disse: "Andrea, hoje vai faltar R$ 10 reais, tudo bem eu te trazer o restante na próxima sessão?"*

*"O que aconteceu?", perguntei curiosa, parecia ter acontecido alguma coisa.*

*"É que eu estava chegando aqui e vi esse colar (com um sorriso envergonhado ela tira da bolsa um colar e me mostra). Eu gostei tanto dele e quis comprar."*

*"Hugf...", eu não sabia como interpretar aquilo. Achei curioso, mas inadequado. Afinal, tínhamos um contrato. Deixei-me levar por esse último pensamento: "E como fica seu combinado comigo?". Aquela diferença não ia me fazer diferença naquele dia, mas não era eu quem estava em questão. Convido Bruna a pensar no seu compromisso comigo, ela não parecia ter feito esse exercício quando tomou essa decisão. Apesar de estar com 23 anos*

*ainda era muito infantil em certos aspectos. Essa cena era uma mostra disso: era como se não pudesse esperar para comprar o colar outro dia, ou como se não aguentasse a angústia de não ter o que queria naquele momento. Lembrei imediatamente de uma sessão em que ela contou ter "exigido" o celular novo do pai porque era melhor que o dela. Bruna falou o quanto ficou irritada por ter que insistir e até ficar sem falar com ele até ele ceder.*

*Então perguntei: "Você não acha que seria diferente se você tivesse me perguntado antes? Perguntado se para mim não faria diferença? E se eu precisasse desse dinheiro?"*

*Bruna parece ficar envergonha, admite a mancada e me pede desculpas.*

*Escolho por entrar na cena e situá-la no acontecimento ali comigo, ao invés de fazer uma interpretação que a re-endereçasse à relação com seus pais. Para mim, não se tratava do fenômeno da "transferência", mas do modo dela ser. Eu não me sentia uma "representante" dos seus vínculos primários, mas uma pessoa com quem ela se relacionava no modo que ela era.*

Nas palavras do próprio Heidegger (2008, p. 204):

> A disposição [*Befindlichkeit*] ou afinação é um caráter fundamental do Dasein e faz parte de toda relação. Todo relacionamento já é sempre afinado a priori e, por isso, não tem sentido falar de "transferência". Nada precisa ser transferido, pois, em cada caso, a afinação a partir da qual e de acordo com a qual tudo que vem ao encontro só pode mostrar-se dessa maneira já está sempre aí. Dentro de cada afinação também, uma pessoa que nos encontra mostra-se para nós de acordo com esta 'decisão' (afinação).[32]

Será importante nesse momento fazer uma pausa no relato clínico para compreendermos a contribuição do autor sobre o existencial da disposição, noção essa que já apareceu diversas vezes nos relatos anteriores, e que assim se apresenta sempre na situação de encontro entre cliente-terapeuta.

Chegamos em um ponto importante para esta pesquisa. Abrirmo-nos a essa condição fundamental do existir nos permitirá compreender a investigação tratada.

---

[32] Certamente, a palavra alemã *Entschlossenheit* (= decisão) está impressa de modo equivocado aqui em vez de *Erschlossenheit* (= abertura), pois em Ser e tempo lê-se: "A decisão é um modo privilegiado de abertura da presença" (N. de T.)

**Disposição (*Befindlichkeit*) - Tonalidades afetivas**

A base da citação acima de Heidegger é de que toda relação já é sempre afetada pelo humor, por aquilo que Heidegger chama ontologicamente por *disposição*[33] (*Befindlichkeit*).

Heidegger, em sua obra, defende não ser possível acessar o mundo em sua totalidade por um acesso teórico a ele. O autor traz a ideia de um acesso ao mundo por meio da abertura ontológica do ser, ou seja, da relação fundante do ser com o mundo (Heidegger chama de *Dasein*, o ser-aí). Para poder falar da abertura ele a distingue em três existenciais, mas que são inevitavelmente co-originárias. Uma delas é a *disposição*[34].

A questão fundamental que permeia este trabalho é "como eu compreendo o sentido do que se mostra do meu cliente"? Seria como perguntar: Como eu sou atingida, dentro de tudo o que se mostra na presença do meu cliente, que me faça despertar a atenção a guiar minha compreensão e intervenção para favorecer o desvelamento do sentido? Principalmente neste ponto, Heidegger tem muito a contribuir para ressaltar a relevância daquilo que se experimenta no encontro daquele cliente com aquele terapeuta:

> A compreensão sempre transcorre num estado de ânimo. A presença do homem no-mundo é sempre emocionada. Isso significa dizer que o estado de humor é o que faz o homem ser tocado e afetado pelas coisas do mundo. É pelo humor que o mundo chega de uma maneira tal ao homem. (Heidegger, 2008, p. 196).

Para o filósofo, disposição é a indicação ontológica do que é conhecido no ôntico do cotidiano por humor (*Stimmung*[35]), ou ainda, as tonalidades afetivas.

---

[33] Encontrar-se, na tradução de Fausto Castilho, e mais fiel à tradução do alemão.

[34] Os outros são *compreensão* e *discurso*, que serão apresentadas mais à frente.

[35] "Stimmung designa o estado e a integração dos diversos modos de sentir-se, relacionar-se e de todos os sentimentos, emoções e afetos, bem como das limitações e obstáculos que acompanham essa integração. A tradução por 'humor' empobrece essa riqueza conotativa. Não obstante, presta-se melhor do que 'estado de alma', 'estado de ânimo'. Para fazer aparecer a conotação musical de voz, a tradução valeu-se igualmente da expressão 'afinação do humor', de modo a indicar que o 'humor' significa uma estrutura de afinação sintonizada." (Nota da tradutora, Ser e Tempo, p. 573)

O humor não se determina em nenhum caráter específico que se designe no interior do psiquismo que seja o motivo para tingir (colorir) o mundo como o percebemos. Tampouco podemos dizer do contrário, que algo exterior a nós, que esteja alocado no mundo, nos chega de fora e nos afeta. Essa seria uma construção dicotômica que suporia um interior-exterior. Ele não vem de 'fora' nem de ‘dentro’. Cresce a partir de si mesmo como modo de ser no mundo”. (HEIDEGGER, 2008, p. 196)

Por isso, as tonalidades afetivas não estão nem dentro e nem fora: estão invariavelmente na relação ser-no-mundo-com-os-outros. Esse é um caráter que diz da condição do ser-aí: “um ente que nunca vai experimentar primeiro a si mesmo em uma espécie de interioridade ideal, para em seguida se voltar de um modo sensível ou mesmo representacional para o mundo dos entes presentes na exterioridade” (CASANOVA, 2009, p. 107). Da mesma forma, o ser-aí não pode prever nenhuma possibilidade se não a que já dispõe em seu ser aberto no aí onde ele se encontra. Nesse sentido Heidegger diz do ser marcado pelo caráter de *jogado*.

> O fato de ele já sempre se encontrar de algum modo no mundo implica ao mesmo tempo uma estrutura que transpassa a própria dinâmica existencial do ser-aí. Há muitas coisas que o ser-aí pode fazer como ser-no-mundo que ele é, mas ele não pode não se realizar a partir de um modo específico de se encontrar no mundo. Exatamente esta experiência é expressa com o termo alemão *Befindlichkeit*, que traduzimos normalmente por disposição e que designa literalmente o fato de o ser-aí sempre 'se encontrar em’ (*sich befinden in*). (CASANOVA, 2009, p. 107)

Através da disposição, e no modo como ela se revela no nosso cotidiano nas tonalidades afetivas, é que se evidencia o modo como nós nos encontramos no mundo; ou o modo como experienciamos o mundo. Ou seja, já sempre nos encontramos em uma tonalidade afetiva determinada, que vai projetar o ser nos limites de cada abertura a depender de tal humor. Mesmo que possamos controlar, em certa medida o que falamos ou fazemos, o modo como o falamos ou como o fazemos já evidencia a nossa disposição. "A disposição é tão pouco trabalhada pela reflexão que faz com que Dasein se precipite para o ‘mundo' das ocupações numa dedicação e abandono irrefletido. O humor se precipita.” (HEIDEGGER, 2008, p. 196). Essa é uma noção que interpela o nosso encontro com os outros ou com o mundo como "plano primeiro” pré-reflexivo e anterior a qualquer teoria, pois em última análise, é o que nos

permite ser tocados ou afetados por algo. É o modo como nos lançamos no deixar vir ao encontro no caráter de ser atingido ou não por algo.

Mesmo o mau humor ou o tédio, que cotidianamente possa parecer a falta de humor, na verdade, revela sempre e a cada vez uma disposição e a forma como está afinado no mundo, não há escapatória, é nossa condição fundamental. Por exemplo, quando estamos tristes, tudo com o que nos relacionamos nos chega na mesma atmosfera triste, indisposta, sentimos o mundo fechado em nós mesmos. Diferente de quando se está alegre, a experiência no mundo se dá de um outro modo e nos relacionamos diferentemente com as coisas e pessoas, nosso humor se abre, e essa especificidade tem efeitos característicos em nossas ações. Assim, a disposição é uma abertura de mundo que revela o próprio mundo como tal e revela como nos encontramos, ou como alguém se encontra de certa maneira. (CASANOVA, 2009, p. 108-109). "O 'mero humor' abre o aí de modo mais originário, embora também o *feche* de modo ainda mais obstinado do que qualquer *não* percepção". (HEIDEGGER, 2008, p. 195). Exatamente nesta última frase, do ponto de vista de uma compreensão clínica, recordo das últimas considerações do meu relato sobre Monique, e a sua abertura exagerada e "bipolar" frente a todas as coisas e pessoas. Ela talvez não possa mudar isso, mas sabendo dessa condição aberta, pode estar mais atenta ao que lhe ocorre, e aí sim usar da reflexão com aliada nas situações de risco.

> Que os humores possam deteriorar-se e transformar-se, isto diz somente que Dasein[36] já está sempre sintonizado e afinado num humor. Nesse mau humor, o ser do aí mostra-se como peso. **Por que, não se *sabe*. E Dasein não pode saber, visto que as possibilidades de abertura do conhecimento são restritas se comparadas com a abertura originária dos humores em que o Dasein se depara com seu ser enquanto aí.** (…) O humor revela 'como alguém está e se torna'. É nesse 'como alguém está' que a afinação do humor conduz o ser para o seu 'aí'. (HEIDEGGER, 2008, p. 193, grifo nosso).

Heidegger nos dá outro exemplo sobre o encontro prazeroso da moça com seu namorado: o afeto prazeroso não é efeito do encontro com o namorado, ele acontece porque ela já se encontrava na afinação prazerosa do seu ser. "O ser-afinado prazeroso não é causado

---

[36] Presença, na tradução da autora. Para evitar a incompreensão do texto para o leitor não familiarizado com os textos de Heidegger, toda vez que aparecer uma citação direta da tradução por Márcia Sá Cavalcante Schuback, escreverei no original Dasein, ao invés de traduzir por 'presença' como sugere a tradutora.

pelo homem, 'mas realizado (*erfüllt*) por ele'" (HEIDEGGER, 2009, p. 205). Essa disposição a qual a moça encontra-se impacta toda a sua ação e relação com o mundo. É como no dizer popular "apaixonados vemos o mundo colorido".

Pudemos compreender até aqui que é pela disposição, ou pelo humor que eu percebo as coisas como eu as percebo. Nós nunca vamos poder compreender uma coisa independente da nossa afinação, não é possível escapar da nossa própria disposição, tampouco temos o controle sobre ela ou a possibilidade de suspendê-la, e isso nos diz do modo como nos relacionamos com os outros. Ela nos abre mundo e nos envia ao mundo. A presença do homem-no-mundo é sempre emocionada, e o seu estado de ânimo mostra como o mundo afeta alguém, e como esse alguém vai indo nesse mundo. "Tonalidades afetivas são determinantes do modo como experimentamos o mundo e, portanto, para o modo que nos encontramos em um espaço compartilhado" (FEIJOO, 2011, p. 33), mesmo sem sabermos a razão disso. É uma articulação compreensiva de quando popularmente se diz "Não bateu o santo".

Ora, se a nossa presença no mundo já é sempre afinada em um humor, o qual eu não tenho controle e tampouco dele posso fugir; e esse humor é o tom que me situa enquanto enviar-me e desviar-me do mundo, abrindo aquilo mesmo que pode me chegar ou me afetar; então a minha compreensão fundamental não se ancora em uma vontade voluntária ou racional, mas antes, em um modo como eu me encontro no mundo e sou afetada por ele. Esse é um ponto decisivo para pensar o acontecimento da psicoterapia, pois a disposição e os humores, sendo determinações do ser humano, habitam impreterivelmente a situação terapêutica. Isso aparece em todos os meus relatos clínicos: aparece com mais entonação no meu atendimento à Monique de forma favorável para o processo e para a continuidade do processo terapêutico; mas também ficou bastante evidente no meu encontro com a sra. Lindy, só que nesse caso, como fechamento desfavorável para a continuidade do meu atendimento a ela.

"O compreender está sempre afinado pelo humor" (HEIDEGGER, 2008, p. 202) Esta é uma outra noção importante para este trabalho: a compreensão é cooriginária à disposição.

Tendo em vista o pensamento do autor, o acesso ao mundo e ao outro não transcorre por uma lente teórica, pelo contrário, há um modo como compreendo as coisas no mundo e os outros, já sempre permeada pelo meu ser. Eu só posso escutar e compreender aquilo que meu cliente diz porque eu sou a pessoa que está sintonizada com ele ali, afinada em uma

tonalidade, podendo ser tocada e afetada a depender da minha abertura ou disposição, situada como uma pessoa histórica, já sempre com minhas compreensões prévias acerca do mundo. Mas, as tonalidades não são uma categoria exclusiva que reside em mim, elas "são como atmosferas, que nos envolvem de tal forma que tudo imediatamente se mostra a partir de seu modo de afinação" (CASANOVA, 2009, p. 109), nesse sentido, determinadas coisas vão ser pegas por essa tonalidade independente de ser na minha presença ou não.

No processo psicoterapêutico, essa sensibilidade do notar as afetações despertas é crucial para o trabalho do psicólogo, pois é base fundamental de uma possibilidade de comunicação e compreensão terapêutica experimentada na legítima escuta do estar-com-o-cliente; e que as teorias, muitas vezes, podem encobrir essa afinação entre a dupla.

Tendo esclarecido a abertura de mundo no modo da *disposição*, voltemos aos relatos dos meus encontros com Bruna, trazendo a disposição cada vez mais perto da situação clínica, na qual o cuidado e a afinação estão sempre e a cada vez colocados. A noção de cuidado em Heidegger até agora não foi apresentada. No trecho que seguirá, terei a oportunidade de incluí-la como operadora do encontro, tanto no caráter ontológico, como na relação ôntica, e bem específica da relação terapêutica.

*Na sessão seguinte ao pagamento em que ela gastou parte da quantia, Bruna chega e fala: "Puxa, eu nunca tinha pensado nessa história do dinheiro. Eu sempre fui acostumada a pedir tudo pra minha mãe. Achava que ela tinha a obrigação de me dar, já que ela não me deu carinho e um contato mais amoroso. Eu não tenho esse negócio de abraçar minha mãe. Eu sinto falta disso. Então é como se ela tivesse que compensar com coisas materiais. Mas não é, né. Acho que não dá pra ter tudo, ou para ter tudo é difícil conseguir dinheiro. Nossa, que trabalho… a vida é um presente de grego mesmo. Mas agora eu já nasci, não tem jeito… tenho que enfrentar né? Fiquei pensando na importância de ter meu próprio dinheiro. Não tinha pensado, por exemplo, que você pudesse precisar do dinheiro que faltou. É uma coisa muito infantil mesmo, né?!"*

*Eu ouvia e pensava que tinha tido um grande efeito o ocorrido da semana passada. Bruna continuava:*

*"Minha mãe está com pouco dinheiro agora e eu não quero parar de vir aqui. Ai eu fiquei pensando como é importante a gente trabalhar e ter as nossas próprias coisas, sem precisar depender dos pais."*

*Eu faço um aceno com a cabeça concordando. Achava que esse era um passo importante e ia na direção de seu amadurecimento.*

*"...Então eu decidi procurar um emprego."*

*"Olha que passo importante", disse eu não contendo meu humor empolgado com toda aquela reflexão que se desdobrava em novo projeto, em abertura.*

*Na minha visão era o começo da sua inserção na vida adulta. Ela caminhava em direção a um cuidado mais próprio, mais responsável, acho que estava mais claro para Bruna, depois de nosso último encontro o modo como ela vinha cuidando de sua vida. Essa revelação permite problematizar esse modo de cuidado e transformá-lo, inaugurando a possibilidade de tomar para si alguma responsabilidade de sua vida, ao invés de continuar delegando à sua mãe. Era uma semente que brotava para a perspectiva de encarar a lida da vida factual, abdicando do lugar cômodo da criança que é provida pelos pais, que tem que ter tudo o que quer no momento que julgar oportuno. Ela se colocava diante de uma nova realidade e o confronto com a própria vida, encarando, talvez pela primeira vez, que ela precisava se implicar nesse tipo cuidado: o cuidado a ela mesma.*

A noção de cuidado em Heidegger, na perspectiva de sua ontologia, é um tema bastante conveniente à psicoterapia, e aqui, cabe a sua contribuição: diz ele que alguns incômodos ou questionamentos só aparecem porque o homem é o ente que se pergunta sobre o seu ser, o seu existir. Se por um lado há a liberdade em poder escolher aquilo que deseja para sua vida (enquanto possibilidade: seja profissionalmente, seja nas relações amorosas, seja no estilo de vida, etc.), por outro, há obrigatoriamente a necessidade de cuidar dessas escolhas. Essas convocações que a vida nos impõe levam a desconfortos existenciais que só acometem o homem porque ele tem a responsabilidade de se empunhar desse cuidado, que inclui tudo aquilo que pertence ao existir: as necessidades da própria vida, o mundo, os outros entes, o planejamento do futuro. Portanto, ser-no-mundo é ser do cuidado, e é pelo cuidado que vai se tecendo os significados e o sentido da vida (Heidegger, 2008). Mesmo que a escolha seja abrir mão do próprio cuidado e delegá-lo a outrem é uma forma de cuidado: o cuidar impróprio, ou o cuidar de si no modo como todo mundo cuida.

Vejamos com Heidegger como a noção de cuidado, no caráter ontológico, recorre imediatamente ao modo da relação do ser-com-os-outros seres:

> Se o ser-com constitui existencialmente o ser-no-mundo, ele deve poder ser interpretado pelo fenômeno da cura, da mesma forma que o modo de lidar da circunvisão com o manual intramundano que, previamente, concebemos como ocupação. Pois esse fenômeno determina o ser do Dasein[37] em geral. O caráter ontológico da ocupação não é próprio do ser-com, embora esse modo de ser seja um ser para os entes que vêm ao encontro dentro do mundo como ocupação. O ente, com o qual o Dasein se relaciona enquanto ser-com, também não possui o modo de ser do instrumento à mão, pois ele mesmo é Dasein. Desse ente não se ocupa, com ele se *preocupa*. (HEIDEGGER, 2008, p. 177)

O autor está nos dizendo que o modo como uma pessoa se relaciona com os outros seres é distinto do modo como ela se relaciona com os objetos. Existe um caráter especial do encontro entre as pessoas que Heidegger chamou de *preocupação,* que é um modo do cuidado (ou cura, como aparece na citação). Embora não se exclua, no seu caráter ôntico, a possibilidade de alguém tratar a outrem como um objeto na intenção ou qualidade como se trata a um utensílio.

A preocupação possui duas possibilidades extremas: a preocupação substitutiva, onde aquele que se preocupa está no modo de retirar o cuidado do outro e domina o lugar onde o outro deveria se ocupar em realizar. "Este é deslocado de sua posição, retraindo-se, para posteriormente assumir a ocupação como algo disponível e já pronto, ou então dispersar-se totalmente dela." (HEIDEGGER, 2008, p. 178).

No outro polo, subsiste ainda a possibilidade de uma relação se dar no modo de uma preocupação que não toma para si o cuidado do outro, mas antes, devolve-lhe o cuidado. "Essa preocupação que, em sua essência diz respeito à cura propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma coisa de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, em sua cura, transparente a si mesmo e livre para ela". (HEIDEGGER, 2008, p. 179). Ainda segundo o autor, a preocupação é dirigida pela *consideração* e *tolerância*, que podem, nos seus modos deficientes, chegarem à desconsideração e à indiferença, guiada pela tolerância.

---

[37] Presença, na tradução de Márcia Schubert Cavalcanti Sá.

Esse é um ponto interessante que se articula com a posição do psicoterapeuta no seu modo de estar com o seu cliente. Ter a clareza de estar no modo de cuidado na preocupação é o que permite que eu recolha aspectos pessoais meus para pôr o holofote nas questões do cliente, a compreender qual o sentido *para ele* daquilo que ele diz. Estar no modo do cuidado não só é uma posição necessária para o psicólogo diante do seu cliente, como também é uma ferramenta facilitadora para permitir acompanhar e compreendê-lo naquilo que se mostra, ou que se mantém disfarçadamente encoberto, do cliente. É poder obscurecer da cena terapêutica os meus aspectos pessoais para a aparição do cliente. Estando sempre já afinado em um humor, em uma disposição tal que me permite chegar o que me chega do outro, significa dizer que a partir do que é proporcionado no encontro como acontecimento, a minha escuta está sempre atenta a uma via dupla: 1. Ter um ouvido que escuta as minhas indagações pessoais já em uma compreensão prévia, resguardando para mim tais afetações, mas guiando-me também por elas; 2. Escutar, ver, estar atenta à compreensão do cliente a partir de toda a sua presença como linguagem, na referência de mundo que é o dele.

Prado (2013, p. 138) contribui para o melhor entendimento desse pensamento amparado em Gadamer, onde ele diz:

> reconhecendo que as opiniões não podem ser entendidas arbitrariamente, atenta para o fato de que não é possível mantermos às cegas nossas opiniões quando queremos compreender a opinião do outro, sem que se destrua a compreensão do todo. O que se exige aí é uma abertura para a opinião do outro (…), sendo que essa abertura '… implica sempre colocar a opinião do outro em alguma relação com o conjunto das opiniões próprias, ou seja que a gente se ponha em certa relação com elas.' (Gadamer, 1986/2008, p. 358).

Assim, a compreensão de qualquer coisa trazida à/na linguagem dialoga com essas escutas essencialmente articuladas, entretanto, dispondo-se ao que puder surgir de novo fora do eixo familiar do terapeuta. Então continua o autor:

> a abertura para o novo nada mais é do que a apropriação de nossos próprios preconceitos. O fato de tal apropriação não poder ser realizada inteiramente de uma só vez, quer dizer apenas que não podemos saber de tudo de uma só vez. Ou, lembrando que nossos preconceitos remetem à nossa historicidade, que 'Ser histórico quer dizer não se esgotar nunca no saber-se' [Gadamer, 1986/2008, p. 399] (PRADO, 2013, p. 138)

Nesse caso, a disposição atentamente descompromissada que contribui para a escuta do psicólogo é o que Heidegger chama por *serenidade*, disposição essa "através da qual somos colocados diante das coisas sem a intervenção do querer (…). Não se trata de alguma forma de passividade, pois, se a serenidade está fora do âmbito da vontade, não diz respeito também à distinção entre atividade e passividade". (SÁ, 2008, p. 6-7). Ela não se dispõe a nenhum compromisso como cumprimento a um objetivo esperado, por isso, está relacionada ao que anteriormente apresentamos como pensamento meditante.

Pode-se entender a serenidade como uma disposição na toada do aguardar, que remete a nossa existência a um modo meditativo junto aos outros e o mundo, possibilitando a chegada do inesperado e do imprevisível. É uma abertura que não conta com a expectativa de que algo aconteça, e por isso, exime-se de qualquer atitude da vontade ou de controle, pois, se assim fosse, estaria nos conformes do pensamento calculante.

Então, a minha compreensão está intrínseca à minha disposição enquanto abertura, relacionando-me com o outro sempre e a cada vez no modo do cuidado: a compreensão depende fundamentalmente do meu humor para se dar da maneira como se dá, ou seja, conforme a minha afinação com o mundo, com as pessoas. Mas, como eu *entendo* as coisas que me chegam? Como eu interpreto essas coisas para poder confirmá-las e reconhecê-las para também distinguí-las?

**Compreender e Interpretar**

Vimos que a disposição é uma das estruturas originais em que o ser se sustenta. Da mesma maneira o *compreender* também constitui, concomitantemente, uma das três aberturas existenciais fundamentais para Heidegger (a terceira, como veremos à frente, é a *fala* ou *discurso*). "Toda disposição sempre possui a sua compreensão, mesmo quando a reprime. O compreender está sempre afinado pelo humor". (HEIDEGGER, 2008, p. 202). Diferentemente de outros modos possíveis do conhecimento, Heidegger distingue o compreender como um

existencial primordial anterior a qualquer outra forma de conhecimento ou “esclarecimento" acerca das coisas. A compreensão para Heidegger não significa um exercício mental ou intelectual, mas diz respeito a um existencial que possibilita a abertura de mundo para o ser projetar-se como possibilidade no seu campo referencial. A isso está vinculada a ideia de que, para poder lançar-se em possibilidades no mundo, (como um ato, um comportamento, uma ação), o ser já precisa ter interpretado o mundo e tudo aquilo que lhe aparece à mão.

Adentrar neste pensamento de Heidegger advoga em íntima defesa do que foi apresentado no primeiro capítulo, ressaltando o impacto que cada ser histórico carrega no seu modo de compreender o mundo e os outros seres. "Somente quem já compreendeu poderá escutar”. (HEIDEGGER, 2008, p. 210)

Aqui fica explícita a ideia de que já sempre parte-se de algum pressuposto. Não existe neutralidade ou acontecimentos “puros”.

A abertura de mundo se dá, no modo ôntico do cotidiano, quando eu, afinada no humor, interpreto algo como algo no instante de seu aparecimento. Para eu poder interpretar algo como algo, já preciso partir de uma compreensão prévia.

Por exemplo, quando eu vejo uma faca eu não preciso que ninguém me diga que é uma faca, meu olhar já compreende e interpreta a faca como ferramenta para cortar algo, e poder assim, usá-la como instrumento para cortar o pão se ela está na cozinha, ou à mão quando eu preciso cortar o pão; ou ainda, na minha possibilidade de compreensão, também posso descobrir a faca como arma para me proteger ou atacar alguém se me encontro afinada no perigo em algum outro cenário. Esse compreender a faca como utensílio de cozinha, ou como arma é a elaboração compreensiva da interpretação. Interpretar "é elaborar as possibilidades projetadas no compreender” (HEIDEGGER, 2008, p. 209). Essa elaboração é sempre uma apropriação dessa possibilidade aberta que confirma o compreender. Dessa forma, "O que faço é o que está aberto como possibilidade existencial (ôntica), limitada pela facticidade, pelo mundo em que acontece. Assim, possibilidade não significa infinitas opções. Pelo contrário, possível é o que posso em cada situação atual.” (EVANGELISTA, 2015, p. 73).

Nas palavras de Heidegger (2008, p. 209),

> O projetar inerente ao compreender possui a possibilidade própria de se elaborar em formas. Chamamos de *interpretação* essa elaboração. Nela, o compreender apropria-se do que compreende. Na interpretação, o

> compreender vem a ser ele mesmo e não outra coisa. A interpretação funda-se existencialmente no compreender e não vice-versa.

Independente de acontecer um enunciado expresso, a visão já interpretou como possibilidade aquilo que se abriu no mundo. Lembrando que aquilo que se abriu no mundo está desde sempre afinado em um humor. Nesses termos, seria um equívoco dizer que a compreensão cola um significado às coisas simplesmente dadas. O conhecimento não é um ir do sujeito para o objeto, nem mesmo a interiorização do objeto no mundo por parte do sujeito. Ao contrário, o conhecimento é a articulação da compreensão do que já se desencobriu do mundo em uma conjuntura. Primeiro, descobre-se as coisas no seu uso, só depois é que se pode criar conceito a respeito, ou seja, eu primeiro experimento o que acontece na relação com o ente, depois eu posso teorizar. Figueiredo também formulou essa ideia, como foi apresentado nas páginas iniciais deste trabalho, dizendo que a experiência pessoal é aquela que é orientada à construção de uma teoria e pode, depois, circularmente retornar para organizá-la. Também sensível a essa questão, Evangelista (2015) questiona a formação do psicólogo, onde os primeiros anos da graduação consistem em uma grade de aulas teóricas, e só nos últimos anos têm-se os estágios práticos.

A compreensão prévia também inclui a compreensão que temos do outro. Isso está intrínseco ao nosso modo de ser-com-os-outros, e não está menos na relação terapêutica do que em qualquer outra forma de relacionamento (SÁ & LESSA, 2006, p. 396).

Isso significa dizer, segundo Heidegger, que em última análise, a forma como se dá a possibilidade da escuta clínica como compreensibilidade não carrega em si nenhum aspecto teórico, não está relacionado à atenção no que “se manifesta do pré-consciente". Mas antes, tem a ver com a minha possibilidade enquanto poder ouvir na atenção da serenidade, e poder articular tal disposição à compreensibilidade, já dando a interpretação compreensiva.

Em verdade, Heidegger também diz da possibilidade de uma interpretação que se lança em uma conceituação: a conceituação-prévia "pode ser pertinente ao ente ou pode ser forçada, tentando submetê-lo.” (EVANGELISTA, 2015, p. 79), como é o caso das teorias que antepõem, de modo rígido, suas verdades à frente do próprio fenômeno. Assim, a conceituação-prévia tem o seu lugar, faz parte da existência, mas no oficio clínico, ficar

encapsulado em conceitos é perigoso, pois podemos cair no risco de submeter, forçar ou sermos impertinentes com aquilo que aparece, ou melhor, desaparece de nosso cliente.

Então, a compreensão se desdobra em uma interpretação, e a interpretação, por sua vez, na estrutura de *algo como algo,* "funda-se, essencialmente, numa posição prévia, visão prévia e concepção prévia. A interpretação nunca é apreensão de um dado preliminar, isenta de pressuposições." (HEIDEGGER, 2008, p. 211).

> De acordo com a concepção heideggeriana da compreensão, um simples espreguiçar-se ou uma mera virada de olhos depende da atualização de uma possibilidade interpretativa aberta antecipadamente pela compreensão. (CASANOVA, 2013, p. 114-115)

Pensemos no palhaço, ou no *clown* que, no jogo bem-humorado da interpretação, só faz emergir o cômico a partir da comicidade já presente na plateia e nele mesmo. Para valer-se do cômico, subentende-se a capacidade de interpretação disposta da plateia que dá compreensibilidade aos seus movimentos em cena, deixando implícita a intenção cômica de seus atos. A graça muitas vezes se sustenta no gesto que simplesmente sugere. Se não houvesse tal compreensão prévia e capacidade de interpretação humorada, o clown não faria sentido. Sentido é "aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa. Chamamos de sentido aquilo que pode articular-se na abertura compreensiva" (HEIDEGGER, 2008, p. 212). Basta lembrar de Charlie Chaplin. "A falta de palavras não pode ser entendida como falta de interpretação". (HEIDEGGER, 2008, p. 219), e por isso, as atitudes e os gestos não estão destituídos de sentido. Sentido é o contexto no qual se mantém a possibilidade de compreensão de alguma coisa, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematicamente, visualizado. (HEIDEGGER, 2008, p. 117)

Isso faz pensar que, em todas as situações em que vivemos podemos interpretar os atos e acontecimentos mesmo quando na ausência de palavras. Esse é um dado riquíssimo à atenção do terapeuta na situação clínica, e que, muitas vezes, acaba por ser esquecida ou negligenciada. Ouvindo apenas a palavra falada, o corpo, o silêncio, e todo o seu discurso acabam sendo soterrados.

Para destacar esses elementos na base da compreensão e interpretação em uma situação psicoterapêutica, que é a situação que nos interessa, gostaria de apresentar uma breve cena de um atendimento à Bruna.

*A sessão começa e Bruna, cabisbaixa, em um tom de voz frágil e quase desleixado com o que fala parecendo descrente de si, começa a falar sobre a insatisfação com a sua vida e com a sua atitude diante das coisas que precisava fazer. Então ela começa a reclamar da mãe como reivindicação. Reclama a mãe não ter lhe preparado o café da manhã e segue reivindicando cuidados condizentes ao que se oferece a uma criança, ou a uma pessoa com debilitações que a impedissem de fazer coisas básicas por ela mesma. Tratava-se de questões elementares do dia-a-dia que uma pessoa de 23 anos parece ser capaz de cumprir em cuidado próprio e resguardo da autonomia. Essa era a minha compreensão sobre o modo de ser de uma pessoa como Bruna aos 23 anos de idade. Naquilo que ela se queixava residia um outro sentido.*

*Pelas nossas conversas anteriores eu entendia que Bruna podia ter sentido uma falta básica em sua infância, e que talvez ela tentasse repará-la ainda agora. Mas já havíamos avançado alguma coisa nesse sentido. Tampouco me parecia tratar de sinais de depressão, o que no meu entender, reconfiguraria a cena e as condições. Ela estava trabalhando, estava ganhando seu próprio dinheiro, tinha voltado à faculdade. Era como se ela não pudesse enxergar uma outra perspectiva, ficava presa a um olhar ainda pueril sobre si em relação aos pais. Falava de um jeito dependente e submetida, diferente de quando compartilhava outros problemas seus. Era uma posição bastante imatura, na qual parecia ela se manter presa. Ela já tinha condições de cuidar de si. Eu percebia isso pelo o que eu via dela, pelo seu contato comigo. Haviam momentos em que eu legitimamente atestava a necessidade de alguma oferta mais ativa por parte dos pais. Não era o que me parecia naquele momento. Naquela sessão eu a via com dificuldade de sair daquela posição.*

*Enquanto ela ainda falava, naquele modo pueril, eu senti uma forte inclinação em mudar de lugar ali na minha sala, e olhá-la (e ela a mim) sob um novo ângulo. Sem falar nada, levantei da minha poltrona à direita de Bruna, lugar onde eu sempre me sentava, e sentei na outra poltrona que ficava ao seu lado esquerdo. Continuei em silêncio. Apenas me movimentei para olhá-la de uma outra perspectiva. Saí daquele lugar, enquanto ela*

*acompanhava meu movimento com os olhos, também sem fazer nenhum comentário a respeito.*

*Em um intervalo curto depois disso, Bruna começou a falar com uma entonação mais forte. Seu peito foi se enchendo mais vigoroso, embora não estivesse estufado. Parecia que aquela apatia de uma posição passiva que ela me transmitia, começou a se transformar em força ativa. Sua expressão endurecia, e seu corpo levemente se inclinou mais à frente. Então, Bruna passou a falar da raiva que sentia dos pais, do quanto se sentiu negligenciada quando criança; das frequentes manhãs que 'descia para a vizinha' para tomar café da manhã à mesa, com toda a família da amiga, coisa que os seus pais nunca puderam oferecê-la. A conversa continuou com relatos sobre a aridez da relação com os pais, só que dali em diante, em uma outra posição: a de quem observava os acontecimentos experienciados e refletia sobre eles com certo distanciamento da cena. Ela se posicionava como alguém que não tinha recebido aqueles cuidados, e dizia o quanto gostaria de tê-los recebido, e não como alguém que ainda esperava por recebê-los. Bruna se colocava em outra perspectiva frente a sua história com os pais.*

*Encerrada a sessão, já em pé para nos despedirmos, Bruna me fita e diz:*

*"Nossa, fez diferença você ter mudado de lugar, né?" Ela ri em revelação, surpresa com os efeitos de um gesto.*

*É claro que já havíamos tratado dessa questão em muitas outras sessões. Esse era um ponto de destaque nas nossas conversas e já havíamos tido a chance de elaborar muitas coisas a respeito. Acredito que o meu movimento encaixou-se a elaborações outras que já havíamos conversado. Por isso, imagino que o gesto pode ter sido interpretado de maneira articulada e feito algum sentido. Nesse caso, eu não precisava rearticular esse acontecimento em fala verbal. O gesto e o movimento já haviam propiciado uma experiência como acontecimento.*

Toda essa cena só pôde se dar porque estávamos muito afinadas e atentas uma à outra. Posso dizer que essa ação não foi um "chute", mas sim uma intervenção fora do campo verbal, que me permitiu realizá-la por estar atenta a uma ampla série de elementos que se evidenciaram no meu contato com Bruna.

> Por este vértice, toda a questão do assim chamado contato entre paciente e analista, e da intuição muda de lugar, porque esta não vai ser compreendida

> como alguma coisa enigmática, que dependeria de um estado de graça para ser conseguida, algo assim como uma apreensão de um conhecimento sem intermediação. A intuição pode ser concebida como a possibilidade de se compreender um símbolo que se organiza nesta dimensão da sensoriedade, ou seja, a capacidade de compreender os símbolos apresentativos. (SAFRA, 2006, p. 72)

Os símbolos apresentativos, trazidos por Safra (2006), são uma grande contribuição para a investigação deste trabalho. Na mesma oposição à elaboração representativa e ao trabalho do intelecto, os símbolos apresentativos, como sua própria nomeação diz, têm a função de apresentar. Eles estão ligados principalmente aos fenômenos das artes, como o impacto que nos provoca uma música ou uma pintura, e, "são importantes por sua composição orgânica, pois são formados por diversos elementos que, conjugados e apresentados no seu todo, instauram uma *experiência*" (SAFRA, 2006, p. 43, grifo nosso). Eles perderiam a sua essência se fossem explicados ou criados para representar ou determinar alguma coisa (seja uma emoção, um acontecimento histórico). Dessa forma, os símbolos apresentativos estão dirigidos à sensibilidade, e por isso, têm sua matriz fundamental no corpo.

> O ser humano estende seu corpo, transfigurado pela elaboração imaginativa, sobre o mundo e desse modo semantiza, organicamente, as suas experiências pessoais e existenciais. Por essa razão o símbolo apresentativo mostra-se vivo, proporcionando uma experiência a quem entra em contato com ele, veiculando uma concepção a respeito da vida, da existência e do mundo humanos (SAFRA, 2006, p. 44)

O pensamento de Heidegger sobre a corporeidade não me parece contrário a essa ideia. Conforme o filósofo:

> O corporal do homem nunca pode, fundamentalmente nunca, ser considerado como algo apenas simplesmente presente, se quisermos observá-lo adequadamente. Se eu colocar o corporal do homem como algo simplesmente presente já o destruí *a priori* como corpo. (HEIDEGGER, 2009, p. 209)

Acontecimentos como esse experienciado com Bruna me fazem prestar mais atenção à corporeidade e gestos, bem como às imagens que me irrompem o pensamento quando articulo algum sentido do meu cliente, como me ocorreu no final do meu relato de atendimento à

Monique, e se apresenta para mim uma imagem como a da lente de uma câmera articulando a compreensão da abertura de Monique no mundo. “O nosso corpo nos fala por meio de imagens que são evocadas em nossa corporeidade pelo modo como o paciente se apresenta[38].” (SAFRA, 2006, p. 47)

É curioso para mim como a compreensão de algumas cenas, no momento mesmo do seu acontecimento, me chegam imediatamente, e antes de tudo, como imagens no instante em que estou com os meus clientes durante a sessão. Isso me faz lembrar minhas indagações iniciais sobre a palavra. Talvez algumas compreensões me cheguem primeiro em outras linguagens que não verbais, mas já desde sempre linguagem, ou "linguagens corporeidadas". Algumas imagens vão aparecendo claramente para mim conforme vou compreendendo ou chegando perto de compreender o sentido do que me dizem. Sem nenhum esforço ‘consciente' elas se apresentam com nitidez a tal ponto de poder vê-las na cena talvez como em uma metáfora. Não uma metáfora representativa, nem é a interpretação da palavra em imagem. É a própria mostração que vai se desenhando em imagens poéticas como se fossem sonhos.

> No plano de contribuições para pensar uma clínica numa perspectiva fenomenológica existencial, as imagens poéticas podem ampliar as possibilidades compreensivas do discurso do cliente. A poética é a linguagem que mais possibilita e amplia a capacidade de compreensão, e por isso, é uma modalidade de linguagem possível na clínica fenomenológica existencial. (PRADO et al, 2012, p. 223)

Assim, a clínica como acontecimento do encontro traz a mais explícita noção da presença do psicoterapeuta como uma *atitude*.

Embora a interpretação prescinda de palavras no momento do seu acontecimento, a interpretação só se dá porque estamos inscritos na linguagem. Tanto a interpretação pode se dar na ausência de palavras como as palavras ou o enunciado podem dizer de algo que não está à vista ou à mão. Assim, os enunciados expressos em palavras podem mostrar o que se descobre do mundo, e podem falar sobre algo no sentido de passar adiante algum comunicado mesmo na ausência desses entes (ou fenômenos) do quais se fala. Expor um trabalho é poder

---

[38] Essa frase de Safra encontra-se em um contexto de reflexão da prática clínica, principalmente no diálogo com a psicanálise. Adiante, o autor menciona que esta afirmação é coerente com pensamento de Winnicott sobre a *presença psicossomática* do analista na situação clínica. Cf. o trabalho "*Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*" de Gilberto Safra (2006).

compartilhar as experiências e as interpretações dessas experiências que já acorreram. Poder compartilhar as interpretações que temos do mundo é comunicar-se.

As palavras também podem oferecer uma dimensão apresentativa e propiciar uma experiência poética. Ficou evidente em alguns trechos de atendimento clínico compartilhados que o comunicar em relato verbal também pode ser uma potente via de transformação.

**Nota de encaminhamento**

Tendo apresentado os existenciais heideggerianos da disposição e da compreensão, dialogando sempre com a minha experiência clínica pelos relatos de atendimento, somada às contribuições principalmente de Figueiredo e Safra com suas pesquisas meditativas sobre a clínica psicológica e a noção de corporeidade, considero já ter contemplado o objetivo deste trabalho: Investigar *como se dá a compreensão de sentido do que se mostra do cliente na psicoterapia.* Entretanto, deixar o óbvio de fora poderia ser uma falta grave, e na verdade, deixar por dizer o que ainda se faz pertinente, haja vista que o final da discussão do subitem anterior endereça e convoca à linguagem poética.

Percorri um caminho no qual o gatilho para tal investigação nasceu com um inquietação sobre as palavras, e a linguagem falada. Não incluir a linguagem como um dos eixos para a compreensão estaria fragmentando, ou ainda, deixando amputados os "trabalhos" da disposição e da compreensão. Afinal, são existenciais determinados pela fala. O ser humano é o ser da linguagem, e só podemos articular os sentidos da vida, da compreensão disposta, da psicoterapia porque somos seres da linguagem, ou seja, da *fala* (o fundamento ontológico-existencial da linguagem), que já está desde sempre articulada com a totalidade dessas estruturas. Se o objetivo do trabalho é falar da compreensão do sentido no encontro cliente-terapeuta, faz-se necessário entrar nessa imensidão.

> Comunicação nunca é a transposição de vivências, por exemplo, de opiniões e desejos, do interior de um sujeito para o interior de outro sujeito. O co-Dasein já se revelou essencialmente na disposição e compreender comuns. O ser-com é partilhado 'expressamente' na fala. Isso significa: o ser-com já é, só que ainda não partilhado porque não apreendido e apropriado." (HEIDEGGER, 2008, p. 225)

Ademais, é uma oportunidade para sepultar qualquer mal entendimento que confunda palavra e linguagem.

**Fala (ou discurso), linguagem e palavra**

Em última análise, tudo isso descrito por Heidegger só pode acontecer porque somos seres da/na linguagem. De forma ontológica, disposição e compreensão são determinados pela *fala*. Fala ou discurso é o outro existencial fundamental de abertura de mundo para Heidegger. "A compreensibilidade do ser-no-mundo, trabalhada por uma disposição, pronuncia-se como fala. A totalidade significativa de compreensibilidade vem à palavra. Dos significados brotam palavras. As palavras, porém, não são coisas dotadas de significados" (HEIDEGGER, 2008, p. 224), elas não têm seu caráter como representante simbólico dos objetos ou entes. Ela é a própria mostração que enuncia mundo e as coisas. Em outras palavras, o discurso articula disposição e compreensão. Essa articulação discursiva nos dá o *sentido*.

Linguagem é o modo de acesso ao possível-no-mundo. Por isso, a linguagem é fundante do ser humano, é o que permite situarmo-nos no mundo e ter acesso a ele e a tudo o que nos vem ao encontro.

Aqui já se apresentaram os três fundamentos ontológicos da abertura do ser: disposição, compreensão e discurso. Somente sendo discurso podemos articular a compreensibilidade do mundo e também da nossa história do que já foi, do que não é mais, do que ainda não é, do que se mostra como possibilidade de vir a ser. O discurso abriga o nosso ser-histórico, e é a linguagem que nos permite ter acesso às coisas do mundo.

Até agora defendemos a indeterminação do ser humano lançado nas possibilidades dentro do horizonte de sentido, existindo em um mundo que já se nos apresenta como articulação discursiva. Ao falar em articulação discursiva sustentamos a posição de Heidegger de que "a linguagem não é mais uma 'habilidade' nossa, mas sim a condição e a 'morada' mesma do nosso existir" (FREITAS, 2015). Compreender o mundo como mundo exige reconhecê-lo, e, dessa forma, tudo o que nos chega e nos permite interpretá-lo como informações acessíveis é a apresentação de uma rede discursiva de significados, que é uma malha articulada de informações já dadas no mundo, e por isso, linguagem.

Como fundamento ontológico, o ser-com está invariavelmente na linguagem. Enquanto acontecimento do cotidiano ela (a linguagem) é possibilidade de comunicação, e ela permite ir ao encontro do outro. Ela nos oferece a chance de compartilhar algo sobre algo, mesmo que este algo esteja oculto. Inclusive, o falar pode revelar o que se encontrava oculto para a própria pessoa que o enuncia. Essa, sem dúvida, é uma das chaves da psicoterapia que se dá fundamentalmente na linguagem, e que, de maneira nenhuma se realiza apenas no enunciado das palavras.

Nos próprios relatos dos atendimentos clínicos apresentados pude apontar diversas questões que se fizeram pertinentes sobre a questão da linguagem ou sobre o modo como o falar aparecia.

A palavra falada nos possibilita compartilhar de uma experiência, e pode dar significabilidade expressa aos acontecimentos.

Ela também pode ser expressão singular conforme o seu modo, a sua tonalidade, embora muitas vezes ela nos escape, muitas vezes ela se cala e esvazia. Pude observar, por exemplo, um modo impessoal do falar verborrágico de Monique. Nesse sentido, a fala pode ser tamponamento, ela pode estar a serviço de uma tentativa de construir um fechamento da condição humana, de obstruir o seu ser verdadeiro. Em termos de linguagem, a fala pode aparecer como um dizer ou como um dito (SAFRA, 2006, p. 32). Ela tanto pode se dar enquanto voz própria, podendo ser acolhimento do que existe, do que se revela; quanto a fala da palavra pode ser o retirar-se nos ecos viciados, cujos significados tangenciaram para um falatório impessoal[39]. Nessa hora, cabe ao psicólogo lembrar que "são as tonalidades afetivas fundamentais que tornam possível a conquista da experiência de algo que o mundo com sentidos sedimentados tende a encobrir." (FEIJOO, 2012, p. 3)

A fala enquanto voz própria é um falar pessoal que articula os sentidos do próprio sujeito, mesmo que ele ainda não o tenha elaborado antes. Assim, “a comunicação das possibilidades existenciais da disposição, ou seja, da abertura da existência, pode tornar-se a meta da fala poética”. A fala própria na clínica pode ser um acontecimento pelo modo da *poiesis*.

---

[39] Cf. Ser e Tempo, § 35.

Ao modo da *poiesis* acontece o desvelamento enquanto manifestação do oculto, ou seja, como mostração da verdade, e não como representação.

O desvelamento enquanto advento da voz própria é o aparecimento da verdade. Verdade aqui não significa investigar sobre a ciência da verdade, tampouco tratá-la como tema no sentido de uma teoria do conhecimento ou do juízo. Aqui, chamamos de verdade "o mesmo que 'coisa', 'o que se mostra em si mesmo". (HEIDEGGER, 2008, p. 283). Nesse sentido, o seu desvelamento pode ter o caráter libertador. A palavra verdade em seu sentido original é *alétheia,* uma palavra grega formada por *a-* (prefixo de negação) e pelo radical *lethe* (esquecimento), assim *alétheia* pode ser o "não-esquecido". "Podemos nos aproximar da *alétheia* por uma via poética. Não-esquecido pode ser recordado. Recordar vem de um radical latino *cor-cordis*, que significa coração" (POMPÉIA, 2014, p. 160). A verdade pode aparecer no resgate à sua história via afetação. No ser tocado e afetado naquilo que recorda e revela.

> Se a situação clínica, enquanto fala no compartilhamento, dirige-se à possibilidade de abrir ao sentido do existir. Nessa medida, porquanto constitutiva, transita pela dimensão poética (*poiesis*) da fala: é possibilidade para disponibilizar à escuta do que ainda não se des-velou, como linguagem para aventurar-se a des-cobrir e re-criar o sempre novo de si e do mundo. Afinal, *poiesis* refere-se a produzir como um "trazer-à-frente" o que se apresenta. (MORATO, 2015, p. 218)

Aqui refazemos a ligação com o que foi apresentado no começo do trabalho sobre a *téchne,* como procedimento que permite que alguma coisa que ainda não é passe a ser, e que permite um campo de abertura para a mostração da verdade enquanto deixar aparecer aquilo que está encoberto, a seu modo, respeitando seus limites e possibilidades. A isso é que se chama de produção, e então, *poiesis* no sentido estrito. Sem dúvida a palavra no modo da *poiesis* é uma via para o acontecimento do inaugural na psicoterapia, ou do desvelamento da verdade, enquanto sentido de si. Há alguns trabalhos publicados[40] que apontam a linguagem poética, consoante com o pensamento de Heidegger, como a linguagem própria da psicoterapia.

O sentido pode se dar pelas articulações compreensivas do discurso via palavra, mas não só. Até porque, as palavras nunca nos chegam "puras", ou sozinhas. Mesmo na leitura de

---

[40] Além do trabalho de Morato (2015), conferir os trabalho "*Na presença do sentido*" de João Augusto Pompéia; "A linguagem poética na clínica fenomenológica existencial" de Rafael Auler de Almeida Prado.

um texto, a palavra impressa já está sempre acompanhada pelo leitor, seu humor, sua compreensão prévia e sua interpretação.

Percorremos, até aqui, o árduo trabalho de compreender o modo como se dá a compreensão, ou mais fiel à sua ontologia, como se dá, existencialmente, nossa abertura de mundo e de que modo nos relacionamos com as coisas, com as pessoas e com o mundo. Nossa existência se dá no modo da linguagem, mas também na nossa afinação de mundo e da nossa compreensão que já é sempre uma compreensão prévia, e por isso, histórica. No meu ponto de vista, essas são questões fundantes do acontecimento psicoterapêutico. “Falar e escutar fundam-se no compreender” (HEIDEGGER, 2008, p. 227).

> Realizamos nosso trabalho por meio da linguagem. Ela está presente em nossa forma de ser, em nossa fala, em nosso gesto. O modo como usamos a linguagem revela nossa maneira de ser, nossos anseios e temores e nosso estilo de ser. Ao recebermos um paciente há a necessidade de que possamos nos familiarizar com seu idioma, com sua semântica existencial. É ela que nos possibilitará compreender o que ele busca por meio de nós e nos auxiliará a visitarmos o mundo daquele que nos procura. (SAFRA, 2004, p. 150)

Parece estar claro que a compreensão da linguagem como via exclusiva da palavras é insuficiente e equivocada.

Embora essa parte do trabalho esteja mais debruçada aos existenciais heideggerianos, adverte-nos o filósofo que é "decisivo que cada fenômeno que surge na relação de analisando e analista seja discutido em sua pertinência ao paciente concreto em questão a partir de si em seu conteúdo fenomenal e não seja simples e genericamente subordinado a um existencial” (HEIDEGGER, 2009, p. 163). Por isso a pertinência dos vivos relatos clínicos.

> Dasein escuta porque compreende. Como ser-no-mundo articulado em compreensões com os outros, o Dasein obedece na escuta à coexistência e a si própria como ‘pertencente' a essa obediência. O escutar recíproco de um e outro, onde se forma e elabora o ser-com, possui os modos possíveis de seguir, acompanhar e os modos privativos de não ouvir, resistir, fazer frente a, defender-se. (HEIDEGGER, 2008, p. 226)

A intimidade e confiança abrem a oportunidade para o cliente poder falar e caminhar por onde se sentir convocado a seguir diante da presença e escuta daquele terapeuta. Escuta e

fala coexistem. Escuta e fala serão despertadas e acolhidas pelo que puder ser escutado e falado dentro daquela relação, como um movimento indissociável, como composições de uma música. O singular está manifesto aí, na trilha própria cantada entre arranjos e acordes daqueles dois que se dispõem ao encontro de maneira atenta e afinada. Ora ressoa a voz íntima daquele que fala, ora pode despontar o coro impessoal de uma multidão.

## MEDITAÇÕES FINAIS

Se eu pudesse concluir este trabalho da maneira mais fiel ao que se tornou claro para mim sobre a experiência clínica, concordando com o modo da sua realização como um procedimento da *téchne*; encarando a minha compreensão de homem e de mundo respaldados pela fenomenologia, e navegando, especialmente, nos existenciais de Heidegger, nas contribuições de Safra e Figueiredo, eu simplesmente diria que: na psicoterapia, um lugar privilegiado para acontecimentos no encontro cliente-terapeuta, a compreensão de sentido se dá como se dá porque eu sou eu.

Mas, faz-se necessário[41] uma pequena revisão do trabalho. A psicoterapia e o trabalho acadêmico - a experiência em si e o falar sobre - comportam semelhanças e diferenças, especialmente no que se distingue o fórum íntimo estabelecido no plano ôntico do vínculo ser-com. Isso diz somente existir um mistério inenarrável sobre os fenômenos do existir, incluindo, fundamentalmente, o acontecimento do encontro entre pessoas. Sobretudo, o que mais importa ressaltar deste trabalho é pensar a fenomenologia como possibilidade humana de experiência, e não como corrente ou abordagem de fundamentação de uma prática ôntica da psicologia. (MATTAR; SÁ, 2008).

> Para Heidegger, todavia, todas essas explicações sobre a existência humana falham em entender-se a si mesmas como *interpretações*, ou seja, como tentativas, baseadas na linguagem, para descreverem coisas tais como elas aparecem, dentro dos parâmetros de um mundo aberto pela própria linguagem. Heidegger insiste que a linguagem não pode ser reduzida a um acontecimento físico, antes constitui um desvelamento ontológico nos termos do qual, os 'acontecimentos' podem aparecer primeiro. A linguagem não é apenas uma coisa entre outras; é um domínio ontológico do desvelamento, através do qual as coisas chegam a 'ser'. (ZIMMERMAN, 1990, p. 291)

Não se trata de dispensar um trabalho que se empenhe nas questões do existir, nem tampouco o descarte das teorias. Antes, é poder posicionar o lugar que elas ocupam, e a contribuição e influência que insurgem no modo como cada pessoa entende os fenômenos do

---

[41] Em oposicão à *téchne*, fazendo referência a obra “A alma imoral” de Nilton Bonder, na qual ele discute as "fidelidades traidoras”.

mundo e da existência. As teorias oferecem certa organização da prática, mas desde sempre restritas, e por isso, a depender da forma como são “utilizadas" incorre o risco de limitar a possibilidade de experimentação.

E por isso

> podemos pensar na contribuição essencial da fenomenologia à psicologia, não mais como uma mera adequação do modelo de cientificidade próprio da psicologia, mas como um convite para que a psicologia não se limite às preocupações de cientificidade e eficiência técnica, buscando um estatuto de saber menos ingênuo e mais rigoroso do que aquele das ciências modernas, onde rigor não signifique submissão por princípio ao método, mas exercício permanente de atenção ao sentido da experiência vivida (MATTAR; SÁ, 1998, 202).

Embora não se possa refutar as organizações das estruturas institucionais das profissões técnicas do mundo moderno, fundadas em uma tradições históricas, "podemos dizer não à pretensão moderna, quase irresistível, de que um saber ôntico possa dar conta daquilo que se passa com o existir humano e que estejamos assim restritos ao cálculo e dispensados do exercício do pensamento” (MATTAR; SÁ, 1998, 202).

Entendo que a situação terapêutica permite o aparecimento da linguagem poética, desatada do pensamento calculante impregnado de definições técnicas. É no interior dessa relação, construída na confiança e intimidade, que o sentido nasce e se mostra. Sendo cada relação uma peculiaridade exclusiva, tem-se, com cada terapeuta, uma compreensão diferente conforme o modo de escuta daquele terapeuta.

Conforme desenvolvemos, a palavra é uma das formas de linguagem, e ela vem, invariavelmente, também conduzida pelas outras aberturas fundamentais de mundo; A compreensão é a elaboração em formas da interpretação já sempre sob concepções prévias; A ausência de palavras não significa ausência de interpretação; Toda a nossa compreensão e acesso ao mundo e às pessoas depende da minha afinação no humor.

Em termos mais cotidianos, significa dizer que: a compreensão do meu cliente depende, fundamentalmente, da afinação da relação que estabeleço com ele (isso foge a qualquer vontade voluntária minha), a depender do humor em que cada um está naquele dia; depende daquilo que ele fala ressoar em mim, já desde sempre, a partir da minha compreensão prévia

do que se enuncia e me mobiliza incluindo teorias/conceitos de referência, visão de homem e de mundo, experiência vividas na minha historicidade.

O que o cliente diz verbalmente é uma das linguagens que nos chega. A palavra tem o privilégio de ser uma via clara de comunicação, que traz para o presente sua historicidade. Mas o sentido como eixo que geralmente atravessa o processo não se dá exclusivamente via palavra. O encontro se mostra como solo fértil de acontecimentos como possibilidade de desvelar esses sentidos manifestos em tudo o que abrange a presença como existência.

Que cada pessoa se permita impactar e se descobrir, diferentemente, no acontecimento de cada relação.

**Referências bibliográficas**

BARROS, Manuel. **O apanhador de desperdícios. *Memórias inventadas*.** São Paulo: Editora Planeta, 2003.

CASANOVA, Marco Antônio. **A linguagem do acontecimento apropriativo.** *Natureza Humana 4(2): 315-339, jul.-dez*. 2002.

_____.**Heidegger e o escuro do existir: esboços para uma interpretação dos transtornos existenciais.** In P. E. R. A. Evangelista (Org). *Psicologia fenomenológico-existencial: possibilidades da atitude clínica fenomenológica*. (pp. 25-43). Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

_____.**Eternidade Frágil.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica.** 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____.**História pessoal e sentido de vida: historiobiografia**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

EVANGELISTA. Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **O que pode um psicólogo fenomenológico-existencial: Questionamentos e reflexões acerca de possibilidades da prática do psicólogo fundamentadas na ontologia heideggeriana**. São Paulo: Tese de Doutorado. IPUSP, 2015.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A psicologia clínica: técnica e téchne.** *Psicol. estud., Maringá, v. 9, n. 1, p. 87-93, abr.* 2004.

_____.**A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial.** 2ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

_____.**A crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas.** *Psicol. estud., Maringá, v. 16, n. 3, p. 409-417, set.* 2011.

_____1 Texto da conferência de abertura do II Encontro Ludovicense de Fenomenologia, Psicológica e Filosofias da Existência, com o tema Crise, cultura e contemporaneidade promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica realizado no período de 18 a 20 de abril de 2012 no Centro de Ciências Humanas – CCH da Universidade Federa do Maranhão – UFMA.

_____.**A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares.** Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 17, n. 1, p. 30-36, jun. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 19 abr. 2016.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; PROTASIO, Myriam Moreira. **Os desafios da clínica psicológica: tutela e escolha.** Revista da Abordagem Gestáltica – XVI(2): 167-172, jul-dez, 2010.

FIGUEIREDO, Luis Claudio. **Escutar, recordar, dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica.** São Paulo: Educ/Escuta, 1994.

_____.**Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos.** 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FRAYZE-PEREIRA, João. **A alteridade da arte.** *Psicologia USP.* São Paulo, 5(1/2) p.35-60, 1994.

FREITAS, Danielle Pisani. Reflexões acerca da linguagem na Daseinsanalyse. In: _____. **Daseinsanalyse /Associação Brasileira de Daseinsanalyse No. 17 (2015).** São Paulo: A Associação, 2015. No prelo.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon.** Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Ser e Tempo.** Petrópolis: Vozes, 2008

_____. ***A caminho da linguagem.*** (6ªed.). (M. S. C. S. Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Obra original publicada em 1959).

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **A maçã no escuro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAGLIANO, Fernando da Rocha. **Apropriação de sentido e liberdade: reflexões heideggerianas acerca das práticas clínicas psicológicas.** 2013. 128 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2013.

MATTAR, Cristine Monteiro; SÁ, Roberto Novaes de. **Os sentidos de "análise" e "analítica" no pensamento de Heidegger e suas implicações para a psicoterapia.** In: _____.Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, nº 2, p.191-203, 1ºsemestre/2008

MORATO, Henriette Tognetti Penha. **Por entre Plantão Psicológico e Ação Cartográfica Clínica pelos "Caminhos de Floresta"**. 2015. 246 f. Tese de Livre-Docência - Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2015.

POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Os dois nascimentos do homem**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

_____. **Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas.** São Paulo: EDUC, ABD, 2014.

PRADO, Rafael Auler de Almeida. **A linguagem poética na clínica fenomenológica existencial.** Doutorado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013

PRADO, Rafael Auler de Almeida et al. Linguagem poética e clínica fenomenológica existencial: aproximações a partir de Gaston Bachelard. **Rev. abordagem gestalt.,** Goiânia, v. 18, n. 2, dez. 2012.

SÁ, Roberto Novaes; LESSA, Jadir Machado. **A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial.** In: _____. Análise Psicológica (2006), 3 (XXIV):p.393-397

SÁ, Roberto Novaes; BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares. **A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas.** In: _____. Estud. psicol. (Campinas), Campinas , v. 28, n. 3, p. 389-394, set. 2011.

SÁ, Roberto Novaes. **Práticas psicológicas clínicas, verdade e liberdade: reflexões fenomenológicas.** In: _____. LACLIFE IX Simpósio nacional de práticas psicológicas em instituições – atenção psicológica: fundamentos, pesquisa e prática, Recife, 20 out. Disponível em: <https://laclife.wordpress.com/textos-e-anais-eletronicos/click-na-figur-para-baixar-o-artigo-de-roberto-2/>. Acesso em: 22 out. 2015.

SAFRA, Gilberto. **A vassoura e o divã.** In: _____. Rev. Percurso (17): 69-74, 2/1996.

_____. **A po-ética na clínica contemporânea.** Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

_____. **Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal.** São Paulo: Edições Soborost, 2006.

SAPIENZA, Bilê Tatit. **Encontro com a Daseinsanalyse: a obra Ser e Tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica.** São Paulo: Escuta, 2015.

SARAMAGO, Ligia. **Sobre a serenidade em Heidegger: uma reflexão sobre os caminhos do pensamento.** In: _____. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação, Vitoria da Conquista, n. 10, p. 159-176, 2008.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

ZIMMERMAN, Michael E. **Confronto de Heidegger com a Modernidade - Tecnologia/ Política/ Arte**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990

ZORZI, Fabiana; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. **Disfunção erétil e fenomenologia: o corpo vivido em seus contornos diacríticos**. In:_____. Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies – XIX(2): 167-175, jul-dez, 2013